



ASSISTENTE DE SECRETARIA
ESCOLAR

SUMÁRIO

3-O Que é Uma Educação para o Pensar?

6-Filosofia para Criança

9-Pensar a Partir de Objetivos Humanos

15-O conceito de Anatomia no Pensar

18-Habilidades Cognitivas

22-Competências Filosóficas

23-Literatura Oral como Conteúdo Didático

25-Conto de Fadas

26-Folclore

27-Lenda

28-O Pensar Crítico na Educação Infantil

34-Atividades de Literatura Oral

44-Filosofia na Pedagogia

Referências bibliográficas

Matthew Lipman – Educação para o Pensar Filósofo na Infância // Dadotti, 2000 pág. 28 // Aranha, Maria Lúcia de Arruda // Martins, Maria Helena Pires // Cunha, 2008 // Estés, 2005 pág. 14 // Von Gennep // Introdução à Literatura Fantástica Fzvetan – Todorov // Carta Educação // Jornal O Globo // Diário de Notícias.



O QUE É UMA EDUCAÇÃO PARA O PENSAR?

O conceito surgiu no final década de 60. O Prof.Dr. Matthew Lipman, filósofo e educador norte-americano, criou o Programa Filosofia para Crianças no final década de 60. Pioneiro em pensar a contribuição da filosofia para a formação integral das crianças, sua intuição foi aos poucos se constituindo em um novo paradigma de educação: uma prática reflexiva e investigativa (inquiry) em comunidade. Lipman se baseia em J. Dewey e L.Vygotsky que enfatizam a necessidade de aprender a pensar e não apenas memorizar conteúdos. Incorpora contribuições de diversos psicólogos e filósofos na estruturação de um projeto de ensino da filosofia.

A Filosofia para Crianças propõe que os conceitos e problemas sejam investigados utilizando-se das habilidades de pensamento (habilidades de raciocínio, investigação, interpretação e conceituação) e das habilidades sociais, estas ligadas à empatia, descentralização e agir com base a regras estabelecidas em comum. As habilidades são capacidades que permitem um pensar bem sobre os conceitos.

O melhor ambiente para aprender a pensar é a pedagogia da Comunidade de Investigação. Aprender a pensar por si mesmo sobre o próprio pensar é uma forma de investigação filosófica que emprega a lógica para um pensar crítico, a dimensão estética para um pensar criativo e a dimensão ética para um pensar cuidadoso. O pensar multidimensional – crítico, criativo e cuidadoso – está ancorado no campo filosófico.

Lipman criou uma classificação de habilidades em quatro grupos:

- a) Habilidades de raciocínio: inferir, comparar, identificar semelhanças e diferenças, contrastar, dar razões, definir, aplicar critérios, detectar pressupostos, ambigüidades, contradições, etc.
- b) Habilidades de investigação: observar, problematizar, formar hipóteses, verificar, provar, medir, descrever, sintetizar, concluir, etc.
- c) Habilidades de formação de conceitos: estabelecer relações de parte-todo / meio-fim / causa-consequências, definir, generalizar, etc.
- d) Habilidades de interpretação ou tradução: parafrasear, narrar, descrever, interpretar, perceber implicações, criticar, etc.

As habilidades sociais dizem respeito às capacidades de trabalho com o outro na comunidade. Elas estão ligadas à empatia, à forma de lidar com as próprias emoções, à descentralização e ao agir com base em regras estabelecidas em comum.

A criança aprende, desde muito cedo, a valorar e a perceber as implicações políticas de seu ser e agir no mundo.

Matthew Lipman lecionou na Universidade de Columbia, em Nova York, além de ter sido professor na Universidade Estadual de Montclair, em Nova Jersey. Nesta universidade, deu continuidade a seus estudos sobre as possibilidades de se trabalhar filosofia com crianças e jovens.

Lipman fundou e dirigiu o Institute for the Advancement of Philosophy for Children (IAPC). Criou a proposta filosofia para crianças, programa que hoje é difundido mundialmente. Suas principais obras são *A Filosofia vai à Escola*, 1990; *O Pensar na Educação*, 1995; *Natasha: Diálogos Vygotskianos*, 1997; *Filosofia na Sala de Aula*, 2001. Além disso, publicou inúmeros artigos a respeito deste assunto e produziu um material didático específico para desenvolver sua proposta em sala de aula.

Matthew Lipman foi professor de lógica e teoria do conhecimento e em suas aulas percebeu que os alunos traziam dificuldades de raciocínio, as quais Lipman atribuiu à metodologia aplicada nos ensinamentos fundamental e médio, de pouco questionamento, repetição, memorização e ausência de opinião crítica. Verificou que seus alunos não conseguiam dar um significado aos conceitos que estavam aprendendo e não conseguiam articulá-los com o seu cotidiano. Devido à idade de seus alunos (a maioria com mais de dezoito anos), chegou à conclusão que dificilmente recuperariam adequadamente essa faculdade.

Até recentemente, não havia relevantes estudos que abordassem esse problema. Enquanto não houve a diferenciação entre as habilidades primárias de raciocínio e as de ordem superior, parecia não haver necessidade de investigar as possibilidades de que as deficiências no raciocínio tivessem procedência no ensino fundamental. Somente quando foi verificada a distinção entre essas habilidades, é que se começou a reconhecer as habilidades primárias de raciocínio como aparato lógico fundamental dos seres humanos de qualquer idade.

A filosofia se tornou uma disciplina acadêmica com acesso limitado a alguns alunos, que estudam sua história de maneira fragmentada. Quando presentes no currículo das escolas, as aulas de filosofia estão predominantemente voltadas para a transmissão do pensamento de filósofos renomados e aqueles que as lecionam não procuram propiciar o confronto de idéias entre os autores estudados.

Praticada desta maneira, a filosofia ensinada em sala de aula perde o sentido pensado por Lipman, já que não estimula a reflexão e a crítica. Em filosofia para crianças, os professores devem abordá-la como prática estimuladora da investigação e do questionamento em cada indivíduo, na busca da reflexão e do pensar bem.

Matthew Lipman (Vineland, Nova Jersey, 24 de agosto de 1923 - West Orange, Nova Jersey, 26 de dezembro de 2010) foi um filósofo americano, reconhecido como fundador da filosofia para crianças. Sua decisão de trazer a filosofia para os jovens decorreu de sua experiência como professor na Columbia University, onde Lipman constatou a dificuldade dos seus alunos para raciocinar. Assim, procurou desenvolver-lhes a habilidade de raciocínio particularmente através do ensino da lógica. A crença de que as crianças têm a capacidade de pensar abstratamente

desde muito cedo levou-o à convicção de que incluir a lógica na educação infantil ajudaria a melhorar sua habilidade de raciocinar.

Em 1972, Lipman trocou Columbia pelo Montclair State College, onde criou o Institute for the Advancement of Philosophy for Children (IAPC), e começou a introduzir a filosofia nas classes K-12 (educação primária e secundária) de Montclair. Naquele ano, ele também publicou seu primeiro livro *Harry Stottlemeier's Discovery*, especificamente destinado a ajudar as crianças na prática da filosofia. O IAPC continua a atuar em âmbito internacional para promover a filosofia para crianças.

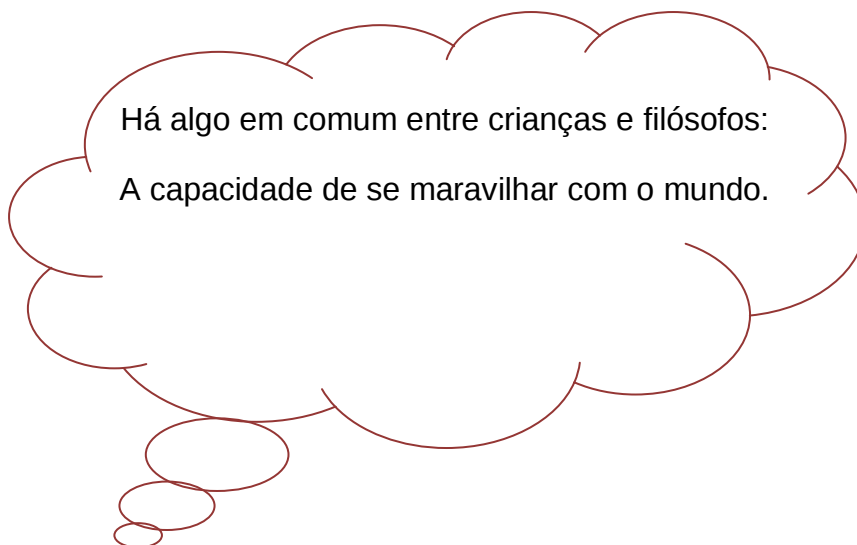
Com objetivo de tornar viável a sua proposta de filosofia para crianças, Lipman produziu um material didático específico como forma de sistematização da metodologia e como auxílio aos professores aplicarem em sala de aula, para os alunos iniciarem a investigação filosófica. Elaborou novelas e romances para conduzir o diálogo filosófico na escola e que pudessem aproximar as crianças da filosofia.

As novelas e os romances são narrativas que trazem questões filosóficas implícitas nas falas dos personagens e nos acontecimentos vividos por eles. Matthew Lipman criou personagens para que as crianças se identificassem com eles. Busca através das relações cênicas se desenvolvam de maneira democrática, ou seja, sem que haja supremacia de um personagem sobre o outro. Esses protagonistas possuem diferentes características: um é analítico, outro cético, outro empirista, outro intuitivo etc.

Para difundir o programa “Filosofia para Crianças Educação para o Pensar”, Lipman e Sharp fundaram em 1974 o IAPC (sigla, em inglês, para Instituto para o Desenvolvimento da Filosofia para Crianças). A entidade ajudou a promover a implantação do método em centros regionais de mais de 30 países, entre eles: França, Inglaterra, Alemanha, Rússia, Islândia, Portugal, Espanha, Austrália, Egito, Canadá, México, Chile, Argentina, Brasil, Colômbia, Guatemala, Nigéria, Zimbábue, Israel, Jordânia, Taiwan e Coreia do Sul. Este instituto forma educadores de todo o mundo. Lipman publicou 23 livros e mais de cem artigos em revistas especializadas em educação.

A criança, desde muito pequena, está imersa numa experiência de pensar e refletir sobre seu próprio pensar. Sua experiência contém multiplicidade de problemas. Seguidamente ela se coloca perguntas sobre aspectos que envolvem conceitos como verdade, justiça, bondade, autoridade, amizade, realidade, amor, conhecimento, felicidade, etc. Para significar sua experiência ela necessita e aprecia o pensar filosófico. A sua experiência pode ser conduzida de maneira reflexiva permitindo ampliar os sentidos com a dimensão da valoração, da beleza, da justiça, da convivência, etc. Descobrir estes sentidos é motivo de grande alegria, o que contribui para o desenvolvimento do senso de auto-estima. Esta experiência é fonte da criação dos sentidos que constituem cada pessoa e que orientam o pensar, o falar e o fazer na vida. Por isso, o conjunto de teorias ou sistemas de ideias desenvolvidos ao longo da história da filosofia deveria ser reconstruído para que as crianças pudessem ter contato com as mais variadas dimensões exploradas pelos filósofos e ser engajar na experiência do filosofar.

FILOSOFIA PARA CRIANÇA



Segundo Lipman, filósofos conseguem criar e reconstruir conceitos e buscar formas de explicação mais abrangentes para os problemas da vida. As crianças, intrigadas com as mesmas questões, como justiça, bondade e amizade, necessitam aprender os processos do raciocínio e do julgamento.

Existem projetos que foram inspirados nas propostas pedagógicas em Filosofia com Crianças de Mathew Lipman, Oscar Brenifier e Peter Worley, visa desenvolver nas crianças competências de raciocínio, comunicação e socialização fundamentais.

Matthew Lipman foi um defensor do questionamento e do pensamento crítico. Como professor universitário, observou os alunos que chegavam à faculdade, jovens adultos, tinham pouca ou nenhuma capacidade de raciocínio e julgamento, dada essa condição acreditava que era muito tarde para melhorar essas habilidades e que isso deveria ser feito desde a infância.

A Filosofia para Crianças representa colocar a filosofia como ferramenta pedagógica para a educação, obtendo melhores resultados para suprir a necessidade de conhecimento da criança. Filosofia para crianças objetiva ajudar as crianças a utilizar a Filosofia de modo a melhorar a sua aprendizagem em todas as disciplinas do currículo.

A principal diferença dessa abordagem metodológica é a importância do papel da criança e do desenvolvimento do seu pensamento crítico desde a infância. Na opinião de Lipman, a Filosofia para Crianças não tem semelhança com a Educação, muito menos com a Filosofia da Educação.

Além da metodologia de Lipman, utiliza-se o método socrático de investigação, no Porto a Filosofia para Crianças praticada por Tomás M. Carneiro, faz uso do Diálogo entre as crianças, procurando fomentar a sua curiosidade natural, além de trabalhar, paralelamente, a sua

capacidade de exteriorizar através de palavras aquilo que pensam, de cooperar na resolução dos problemas e desenvolver o seu espírito crítico e criativo face as questões do mundo.

Para auxiliar os professores, é aconselhável durante uma oficina Filosofia com Crianças, procurar estimular os alunos a desenvolverem e praticarem várias competências filosóficas. Entre elas destacamos:

- ✓ Formular questões claras e pertinentes;
- ✓ Desenvolver capacidades argumentativas e de pensamento crítico;
- ✓ Desenvolver o pensamento autónomo e criativo;
- ✓ Aprofundar intelectualmente as suas experiências particulares do dia a dia;
- ✓ Aprender a ter paciência e a “perder tempo” com os problemas com que se deparam não se precipitando para a primeiras conclusões;
- ✓ Compreender a importância de ouvir os outros, compreender e ser compreendido.

Filosofia para Crianças propõe que os conceitos e problemas sejam investigados utilizando-se das habilidades de pensamento (habilidades de raciocínio, investigação, interpretação e conceituação) e das habilidades sociais, estas ligadas à empatia, descentralização e agir com base a regras estabelecidas em comum. As habilidades são capacidades que permitem um pensar bem sobre os conceitos. O melhor ambiente para aprender a pensar é a pedagogia da Comunidade de Investigação. Aprender a pensar por si mesmo sobre o próprio pensar é uma forma de investigação filosófica que emprega a lógica para um pensar crítico, a dimensão estética para um pensar criativo e a dimensão ética para um pensar cuidadoso.

O pensar multidimensional – crítico, criativo e cuidadoso – está ancorado no campo filosófico. A pedagogia para o aprender a pensar bem é o diálogo investigativo em comunidade. O mesmo processo pode ser ampliado para as outras práticas pedagógicas nas diversas áreas do conhecimento. Pensar é uma atividade holística e a filosofia contribui com uma perspectiva interdisciplinar.

Filosofia para Crianças propõe que os conceitos e problemas sejam investigados utilizando-se das habilidades de pensamento (habilidades de raciocínio, investigação, interpretação e conceituação) e das habilidades sociais. As habilidades são capacidades adquiridas pela experiência que permitem um pensar bem sobre os conceitos e problemas. Pensar bem tem as características de ser autónomo, reflexivo, crítico, criativo, cuidadoso, auto-corretivo. Estas capacidades orientam os procedimentos que a inteligência deve tomar em determinada situação problemática.

Portanto, são procedimentos inteligentes desenvolvidos através da prática, avaliados e reconhecidos como recursos, instrumentos ou ferramentas do pensamento para construir o conhecimento. São recursos, instrumentos ou ferramentas que permitem nosso pensamento ampliar o conjunto de conceitos e formas de resolver problemas. As habilidades estão em

constante processo de aprimoramento á medida em que são empregadas no processo reflexivo ou investigativo. Elas são constituidoras da inteligência humana.

Atenção de educadores e filósofos, eis a questão: a criança é capaz de filosofar?

Uma filosofia para crianças e jovens não estaria preocupada em formar discípulos para perpetuar um certa corrente filosófica, uma certa visão de mundo, mas para ajudar a pensar e a transformar o mundo. Conceber a filosofia como uma especialidade é derrotá-la antes mesmo de iniciar a batalha por ela.

Mas reconhecer a capacidade da criança filosofar é um passo que até agora poucos deram. Em geral, os filósofos estão afastados da infância. Em seus sistemas, a criança não tem espaço, a não ser em esporádicas citações. Sartre, só para citar um caso, anotava que a preocupação com as crianças e animais é desinteresse nas questões do homem.

A criança entra pela primeira vez no tempo ocidental na teoria platônico-aristotélica do eu tríplice e suas vicissitudes. Na criança, o equilíbrio entre as três dimensões do eu — apetite, vontade e razão — está ontogeneticamente desbançado. A criança carece de razão. Por isso Platão considerava que as crianças eram modelos do apetite indomado e da vontade descontrolada. A única virtude das crianças parece ser o fato de serem ‘facilmente moldadas’, isto é, elas podem ser convertidas em adultos.

Apesar disso, os filósofos antigos, ainda que em poucas referências, usavam a filosofia para pensar a infância. Sabiam da importância da educação infantil. Para eles, não significava uma desqualificação incluir a criança em seu pensamento.

Segundo Lipman, as objeções feitas para as crianças não fazerem filosofia, estão diminuindo e dando lugar a novas perguntas: qual o tipo de filosofia que as crianças podem fazer? Embora haja diferenças entre a fase infantil e a adulta, para Garret Matthews, elas não são tão significativas, a ponto das crianças não poderem entrar no mundo adulto e em companhia destes compartilhá-lo. As crianças não estão distantes do paradigma da racionalidade adulta, como se pensa.

Entretanto, essa busca pode ser filosófica ou não-filosófica, dependendo dos meios e os métodos utilizados para se chegar à construção de conceitos e interpretação do mundo.

PENSAR A PARTIR DE OBJETIVOS HUMANOS

A filosofia não é um conjunto de conhecimentos prontos, um sistema acabado, fechado em si mesmo. A filosofia é uma maneira de pensar e é também uma postura diante do mundo.

Uma história em quadrinhos ou uma canção popular podem ser objeto da reflexão filosófica.

Sócrates (469-399 a.C.), filho de um escultor e de uma parteira, herdou as artes do pai e da mãe, tornando-se um escultor de almas e parteiro de idéias. Seu processo de pensamento filosófico consistia em fazer com que seus interlocutores buscassem, através do raciocínio e da aceitação de sua ignorância diante do assunto, suas próprias verdades, sem considerar os costumes e dogmas impostos.

Pensamento e pensar são, respectivamente, uma forma de processo mental ou faculdade do sistema mental.

Pensar permite aos seres modelarem sua percepção do mundo ao redor de si, e com isso lidar com ele de uma forma efetiva e de acordo com suas metas, planos e desejos. Palavras que se referem a conceitos e processos similares incluem cognição, senciência, consciência, ideia, e imaginação. O pensamento é considerado a expressão mais "palpável" do espírito humano, pois através de imagens e ideias revela justamente a vontade deste.

O pensamento é fundamental no processo de aprendizagem. O pensamento é construtor e construtivo do conhecimento.

O principal veículo do processo de conscientização é o pensamento. A atividade de pensar confere ao homem "asas" para mover-se no mundo e "raízes" para aprofundar-se na realidade.

Etimologicamente, pensar significa avaliar o peso de alguma coisa. Em sentido amplo, podemos dizer que o pensamento tem como missão tornar-se avaliador da realidade.

Segundo Descartes (1596-1650), filósofo de grande importância na história do pensamento:

"A essência do homem é pensar". (Por isso dizia): "Sou uma coisa que pensa, isto é, que duvida, que afirma, que ignora muitas, que ama, que odeia, que quer e não quer, que também imagina e que sente". (Logo quem pensa é consciente de sua existência) "penso, logo existo."

Reações representativas causadas por estímulos de reações químicas internas ou factores ambientais externos.

Em linguagem comum, a palavra pensar cobre numerosas e diversas atividades psicológicas. É às vezes um sinônimo de "tender a acreditar", especialmente se não for com total confiança ("Eu acho que vai chover, mas não tenho certeza"). Outras vezes denota o grau de atenção "Eu fiz isso sem pensar" ou qualquer coisa que esteja na consciência, especialmente se isso se referir a alguma coisa fora do ambiente imediato ("Isso me fez pensar na minha avó").

Obs.: O pensamento lógico se caracteriza por operar mediante conceitos e raciocínios.

Existem padrões que possuem um começo no pensamento e criam um final, isso acontece em milésimos de segundos, por sua vez milhares de começos e finais fazem disso um pensamento lógico; este depende do ambiente externo e para estar em contato com ele dependemos dos cinco sentidos.

O pensar sempre responde a uma motivação, que pode estar originada no ambiente natural, social, cultural ou no sujeito pensante.

O pensar é uma resolução de problemas. A necessidade exige satisfação.

O processo de pensamento lógico sempre segue uma determinada direção. Esta direção vai em busca de uma conclusão ou da solução de um problema, não segue propriamente uma linha reta e sim um formato zigue-zague com avanços, paradas, rodeios, e até mesmo retrocessos.

O processo de pensar se representa como uma totalidade coerente e organizada, no que diz respeito a seus diversos aspectos, modalidades, elementos e etapas.

O pensamento é simplesmente a arte de ordenar as matemáticas e expressá-las através do sistema linguístico.

As pessoas possuem uma tendência ao equilíbrio, uma espécie de impulso para o crescimento, a saúde e ao ajuste. Existem uma série de condições que impedem e bloqueiam esta tendência. O aprendizado de um conceito negativo de si mesmo é uma das condições bloqueadores mais importantes. Um conceito equivocado ou negativo de si mesmo deriva de experiências de desaprovação ou ambivalência que o sujeito passou nas etapas iniciais de sua vida.

O pensamento pode ser caracterizado por exigir períodos de latência, nos quais as atividades internas são suspensas ou interrompidas. Portanto, ele é somatório de atividades incluídas na elaboração de estudos, de processos superiores da formação de conceitos, os chamados conceitos cognitivos, da solução de problemas, do planejamento, do raciocínio e da imaginação.

O período de convergência do pensamento pode ser caracterizado no momento em que o indivíduo se vê frente a novas situações, cuja complexidade pode ser variável e para as quais não encontra esquemas de resposta pré-montados ou pré-estruturados pela aprendizagem e ainda, cuja resposta não é instintiva e sim, construída ou elaborada.

Pode-se definir o pensamento como a faculdade de formular conceitos, para os quais a atividade psíquica elabora os fenômenos cognitivos, imaginativos e planificativos, cujo grau pode ser algo distinto tanto dos sentimentos como das vontades.

Psicologistas têm se concentrado no pensar como uma manifestação intelectual com objetivo de responder a uma questão ou a solução de um problema prático. Para Skinner, o pensamento pode ser compreendido como um comportamento privado, verbal ou não verbal, encoberto, ou seja, não manifesto no sentido de que não pode ser detectado por outras pessoas e, que necessita ser explicado ou deduzido.

A psicologia cognitiva é um ramo da psicologia que investiga os processos mentais internos como a resolução de problemas, memória, e linguagem.

A escola do pensamento surgida com esta aproximação é conhecida como cognitivismo, que está interessada em como as pessoas representam mentalmente o processamento da informação. Ela tem sua fundação na psicologia gestalt de Max Wertheimer, Wolfgang Köhler, e Kurt Koffka, e no trabalho de Jean Piaget, que providenciou a teoria dos estágios/fases que descrevem o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Psicologistas cognitivos usam aproximações psicofísicas e experimentais para entender, diagnosticar e solucionar problemas, se concentrando nos processos mentais que mediam entre o estímulo e a resposta. Segundo a teoria cognitiva a solução de problemas toma forma de regras algorítmicas que não são necessariamente compreensíveis mas que prometem uma solução, ou regras heurísticas que são compreensíveis mas que nem sempre garantem a solução. A ciência cognitiva se diferencia da psicologia cognitiva no sentido de implementar algoritmos que pretendem simular o comportamento humano nos computadores. Em outras instâncias, soluções podem ser encontradas através de insight, perceber de repente o relacionamento das coisas.

Id, ego e superego são as três partes do "aparato psíquico" definido por Sigmund Freud com seu modelo estrutural da psique; eles são teoricamente os três blocos fundamentais ao descrever a vida em termos de atividade e interação mental. De acordo com esse modelo, o instinto não-coordenado tende a ser o "id"; a parte realista e organizada da psiquê o "ego", e a função crítica e moral o "superego".

O inconsciente foi considerado por Freud através da evolução de sua teoria psicanalítica a força senciante da vontade influenciada pelo desejo humano e ainda assim operando bem abaixo da percepção da mente consciente. Para Freud, o inconsciente é um armazenamento de desejos e necessidades movidas pelo instinto. Enquanto pensamentos passados e reminiscências possam

ser escondidos da consciência imediata, eles direcionam o pensamento e os sentimentos do indivíduo através do inconsciente.

Para psicanalistas, o inconsciente não inclui tudo o que não é consciente, mas apenas o que é reprimido ativamente pelo pensamento consciente ou o que a pessoa é aversa a pensar conscientemente. Esta visão coloca o indivíduo como sendo adversário de seu inconsciente, lutando para manter escondido o que está inconsciente. Se a pessoa sente dor, tudo o que ela pode pensar é aliviar a dor.

Todos os seus desejos, para acabar com a dor ou aproveitar algo, comandam a mente a fazer algo. Para Freud, o inconsciente era um repositório de ideias e desejos não aceitáveis socialmente, memórias traumáticas, e emoções dolorosas deixadas de lado pela mente pelo mecanismo de repressão psicológica. Entretanto, o conteúdo não precisa ser necessariamente apenas negativo. Na visão psicanalítica, o inconsciente é a força que só pode ser reconhecida pelos seus efeitos - ele se expressa através dos sintomas.

O movimento de fenomenologia na filosofia viu uma mudança radical na forma como entendemos o pensamento. A análise fenomenológica de Martin Heidegger da estrutura existencial do homem em *Ser e Tempo* lança uma nova luz sobre a questão do pensar, trazendo inquietação à cognição tradicional ou às interpretações racionais do homem que afetam o modo como entendemos o pensamento. A noção do papel fundamental da compreensão não cognitiva em tornar possível a consciência temática contribuiu na discussão em torno da inteligência artificial durante os anos 1970 e 1980.

A filosofia da mente é um ramo de ideias da filosofia analítica moderna que estuda a natureza da mente, os eventos mentais, funções mentais, propriedades mentais, consciência e seus relacionamentos com o corpo físico, particularmente o cérebro. O problema mente-corpo, isto é, o relacionamento entre a mente e o corpo, é comumente visto como a questão central da filosofia da mente, apesar de haver outras questões envolvendo a natureza da mente que não envolvem sua relação com o corpo físico.

O problema corpo-mente se preocupa em explicar a relação que existe entre a mente, ou processo mental, e o estado ou processo do corpo. O principal objetivo dos filósofos que trabalham nesta área é determinar a natureza da mente e dos estados/processos mentais, e como - ou mesmo se - a mente é afetada pelo corpo e pode afetá-lo.

Nossas experiências perceptíveis dependem dos estímulos que chegam nos nossos vários órgãos sensoriais do mundo exterior e esses estímulos causam mudanças no nosso estado mental, nos fazendo sentir algo, o que pode ser bom ou ruim. O desejo de alguém por uma fatia de pizza, por exemplo, tende a fazer com que esta pessoa mova seu corpo de uma maneira e direção específica para obter o que ele quer.

A questão é, então, como pode ser possível que experiências conscientes surjam de uma massa de matéria cinzenta dotada de nada além de propriedades eletroquímicas. Um problema relacionado é o de explicar como as atitudes proposicionais de alguém (por exemplo, crenças e

desejos) podem causar que os neurônios desse indivíduo trabalhem e seus músculos se contraíam exatamente da maneira correta. Esses são alguns dos enigmas que têm sido enfrentados por epistemólogos e filósofos da mente desde pelo menos o tempo de René Descartes.

“O que é mais instigante nestes tempos instigantes é que ainda não estamos pensando.”

(Martin Heidegger)

Sobre o conceito de Linguagem Filosófica temos:

- ✓ O pensamento não apenas se reflete na linguagem, mas também a determina.
- ✓ O pensamento precisa da linguagem.
- ✓ A linguagem transmite os conceitos, juízos e raciocínios do pensamento.
- ✓ O pensamento se conserva e se fixa através da linguagem.
- ✓ A linguagem ajuda o pensamento a se fazer cada vez mais concreto.
- ✓ O pensamento envolve uma estrutura conhecida como "a estrutura do pensamento".
- ✓ A linguagem é simplesmente o manejo de símbolos (diga-se codificação), o pensamento é um condicionador da linguagem.
- ✓ O pensamento é o limite da ação inconsciente, gerada na maioria dos casos por mensagens erradas ou mal interpretadas.

Pensamento autista e realista: proposto por Eugen Bleuler, tem como base a relação com o ambiente interno e externo.

Autista: caracteriza as atividades internas não controladas por condições externas.

Realista: rigorosamente controlado pela realidade externa.

Pensamento de produção, reprodução e verificação: Donald Olding Hebb propôs a separação entre pensamento de produção e de verificação segundo o grau de impregnação lógica relevado pelo processo, e Norman Maier, a divisão entre pensamento produtivo e reprodutivo.

Pensamento produtivo: consequência da integração de experiências previamente não relacionadas

Pensamento reprodutivo: aplicação de experiências previamente adquiridas que conduzem a uma solução correta em nova situação de impasse.

Pensamento verificativo: tem como objetivo de verificação ou comprovação do conhecimento.

Pensamento intuitivo, analítico e sintético: proposto por Jerome S. Bruner, tem como base a origem do pensamento

Intuitivo: usa a intuição do indivíduo.

Analítico: consiste em decompor o todo, em partes mais simples, que são mais facilmente explicadas ou solucionadas.

Sintético: é a reunião de um todo pela conjunção de suas partes.

Pensamento dedutivo e indutivo

Dedutivo: vai do geral ao particular. É uma forma de raciocínio em que se atinge a conclusão a partir de uma ou várias premissas.

Indutivo: é o processo inverso do pensamento dedutivo, é o que vai do particular ao geral. A base é a figuração de que se algo é certo em algumas ocasiões, o será em outras similares, mesmo que não se possam observar.

Outros tipos de pensamento

Pensamento criativo: aquele que se utiliza da criação ou modificação de algo, introduzindo novidades, ou seja, a produção de novas ideias para criar ou modificar algo existente.

Pensamento sistêmico: é uma visão completa de múltiplos elementos com suas diversas inter-relações. Sistêmico deriva da palavra sistema, o que nos indica que devemos ver as coisas de uma forma inter-relacionada.

Pensamento crítico: examina a estrutura dos raciocínios, e tem uma vertente analítica e avaliativa. Tenta superar o aspecto mecânico do estudo da lógica.

Pensamento interrogativo: é um pensamento com o que se faz as perguntas, identificando o que interessa a alguém saber sobre um determinado tema.

Obs.: O pensamento é aquilo que é trazido à existência através da atividade intelectual. Por esse motivo, pode-se dizer que o pensamento é um produto da mente, que pode surgir mediante atividades racionais do intelecto ou por abstrações da imaginação.

O CONCEITO DE AUTONOMIA NO PENSAR

Quando abordamos a questão dos limites do pensar, afirmamos que essa atividade humana possui como elemento essencial a noção de liberdade. Podemos afirmar que o ato de pensar é a aptidão presente em todos os seres racionais, que lhes permite gerenciar suas próprias escolhas.

Para ampliar nossa compreensão a respeito da relação pensamento e autonomia, utilizaremos o conceito de esclarecimento, desenvolvido pelo filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804).

Segundo Kant, esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade. Mas o que podemos entender por menoridade? É a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. Contudo, caso o homem se encontre nessa condição de menoridade, a culpa é do próprio indivíduo que utiliza do seu próprio entendimento.

“O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento” (KANT, 2005. p. 63-64).

Filosoficamente, o conceito de autonomia mistura-se com o de liberdade, consistindo na qualidade de um indivíduo de tomar suas próprias decisões, com base na razão. Para Kant, servir-se da sua própria razão é ser autônomo e, portanto, livre”. Ou seja, é a capacidade de um indivíduo racional de tomar uma decisão não forçada, baseada nas informações disponíveis. Na filosofia ligada à moral e à política, a autonomia é usada como base para determinar a responsabilidade moral da ação de alguém.

O desenvolvimento da autonomia na infância permite a construção de uma personalidade saudável e possibilitará o desenvolvimento da capacidade de resolver conflitos ao longo da vida.

Desenvolver a autonomia das crianças é fundamental para a formação. Quando estimulamos os alunos a serem mais autônomos, oferecemos uma educação que vai durar por toda vida, não apenas durante o período escolar.

O conceito de autonomia significa “capacidade de tomar decisões não forçadas e baseadas em informações disponíveis”, ou seja, é quando a pessoa consegue transformar todo o repertório de informações que ela recebe ao longo da vida em um conhecimento prático e funcional.

Para a educação do pensar, um bom educador deve ser:

- ✓ Um facilitador
- ✓ Empático
- ✓ Compreensivo
- ✓ Equilibrado
- ✓ Disposto a dialogar

Para que a autonomia seja exercida de uma forma efetiva, é necessário se atentar às limitações de cada criança. A ideia é oferecer desafios que estejam de acordo com a idade delas para que os desafios possam ser concluídos sem aumentar ainda mais a limitação e a frustração.

Dos 2 aos 3 anos: A criança é capaz de se alimentar sozinha, se sentar à mesa, guardar brinquedos e colocar sapatos sem cadarço.

Dos 3 aos 4 anos: Ir ao banheiro sozinha, com a supervisão de um responsável, arrumar a mochila para ir à escola e separar roupas sujas das limpas.

Dos 4 aos 5 anos: A criança consegue se trocar e fazer sua própria higiene pessoal e até mesmo fazer coisas mais precisas como passar a geleia no pão.

A partir dos 5 anos: Ela pode organizar o próprio quarto, arrumar a cama, lavar louças não pesadas e ainda ajudar na preparação de alguns alimentos.

Uma questão fundamental, para a educação, quando estudamos a moral, é saber quais são as exigências que se colocam para permitir a descoberta de um homem plenamente moral. Porém, para investigar este campo, é preciso saber o que é a moral. Tal conceito é muito bem trabalhado na Filosofia. Assim, estudiosos da moralidade, como Piaget, procuraram e aceitaram definições filosóficas de moral, para só então verificar como esta se dá no cotidiano. Tendo consciência, portanto, que o filósofo Emmanuel Kant e o epistemólogo e psicólogo Jean Piaget são freqüentemente associados quando se trata de discutir tal questão, o presente trabalho se propõe a mostrar as diferenças e semelhanças dos pressupostos teóricos subjacentes às teorias

kantiana e piagetiana no que se refere ao conceito de autonomia- um dos requisitos do homem moral.

Piaget, o psicólogo da moralidade, apesar de conhecer toda a dificuldade de se ter o homem autônomo, superou-a pela consciência da importância da construção do mesmo, sendo que sua teoria foi toda embasada no conceito kantiano de autonomia.

Em Piaget, vamos verificar a autonomia do sujeito em dois domínios, ambos embasados na razão. O primeiro deles é a construção da razão. Para reforçar esta afirmação basta recordarmos que, para a epistemologia genética, o pensamento racional advém do esforço que o sujeito faz para pensar sobre seu próprio agir ou pensar. É claro que isto não exclui o sujeito do meio, pois sem a solicitação deste, aquele não refletiria. Porém, a dependência que o sujeito tem do meio não significa heteronomia.

A autonomia inicia-se quando as crianças intercambiam seus pontos de vista, iniciando assim, a construção de seus próprios valores ou, até mesmo, a compreensão dos já existentes. Dizemos crianças, pois uma relação entre iguais é muito mais propícia para a construção da autonomia do que relações entre desiguais. Isto porque, na maioria das vezes, na relação adulto-criança há proteção e mando, de uma parte e submissão e imitação, da outra, ou seja, uma relação de heteronomia.

As crianças autônomas, após construírem as regras, fazem um uso racional e social das mesmas, sendo que estas são estabelecidas pelo consenso de todo o grupo. o que implica, também, em reciprocidade na aplicação da mesma e na existência de respeito mútuo, ou seja, há uma relação de igualdade de poder de ação de um ao outro.



"As possibilidades de agir com liberdade que surgem na consciência do homem estão intimamente ligadas à imaginação, ou seja, à tão peculiar disposição da consciência para com a realidade que surge graças à atividade da imaginação".

HABILIDADES COGNITIVAS

Habilidades cognitivas são mecanismos do cérebro que estão relacionados com processos de aprendizagem e de memorização de informações. É possível treinar o cérebro através de exercícios cognitivos, para adquirir ou melhorar habilidades cognitivas, como o processamento de novos estímulos ou dados, por exemplo.

O termo cognição vem do latim e significa “conhecer”. Logo, quando falamos de habilidades cognitivas não se trata de memorização, mas sim de informações que são devidamente entendidas, assimiladas e compreendidas.

Dentre as principais habilidades cognitivas que podem ser treinadas, a fim de deixar o cérebro mais saudável, estão:

- ✓ O foco;
- ✓ A inibição;
- ✓ A divisão da atenção;
- ✓ O planejamento;
- ✓ O reconhecimento;
- ✓ A percepção auditiva;
- ✓ A memória (contextual, auditiva ou visual de curto prazo);
- ✓ O tempo necessário para responder a um estímulo;
- ✓ A velocidade de processamento daquilo que é fácil ou já foi aprendido.

As habilidades não cognitivas são aquelas atividades que não pressupõem a necessidade de ter uma bagagem de conhecimento acadêmico para que seja possível ser desenvolvida. As não cognitivas fazem muito mais parte de um processo de memorização do que de assimilação dos fatos, por exemplo.

As habilidades orais, motoras, capacidade de andar, de prestar atenção ou então de realizar habilidades executivas são consideradas não cognitivas. Cada uma delas pode ser dividida em subcategorias com diferentes tipos de complexidade mental.

Inúmeras pesquisas identificam as importâncias das habilidades não cognitivas no processo de aprendizagem. São elas que definirão, por exemplo, o nível de autocontrole de um indivíduo ou então determinarão a capacidade de conhecimentos que ele tem que interligar ou medir a rapidez e o desempenho para a realização de determinados tipos de atividades.

O indivíduo que tem uma melhor capacidade de autocontrole, determinação, otimismo, audição, capacidade de comunicação, conseqüentemente terá mais facilidade na assimilação de

conteúdos que precisam ser compreendidos (cognitivos), como os que são ensinados pelas disciplinas tradicionais.

Uma maneira simples de definir as habilidades cognitivas é o processo usado pelo nosso cérebro que torna possível para nós pensar, aprender e lembrar, entre outros. A habilidade cognitiva nos permite processar a grande quantidade de informações que recebemos todos os dias das nossas vidas.

Quando o aluno que tem uma baixa habilidade cognitiva, o processamento de informações pode ser mais difícil e lento. Esta é a razão pela qual o treinamento cerebral é tão importante, pois permite que você treine as suas habilidades cognitivas.

As habilidades e os talentos são correlacionados às competências e juntos servem de subsídios para avaliações das inteligências e aprendizagens.

As habilidades ligadas ao desenvolvimento da aprendizagem são classificadas em:

Sensação: esta habilidade permite nos colocar em contato com o mundo ao nosso redor.

Percepção: esta habilidade nos permite estabelecer as formas e imagens.

Formação de imagens: está relacionada com a memória e com o registro de nossas experiências e está ligada a todas as sensações experimentadas.

Simbolização: esta é a habilidade característica do ser humano consiste em todas as formas de representação verbal e não verbal.

Conceituação: processo mental envolvendo a retenção e classificação.

Um assunto discutido nos dias de hoje são as provas do ENEM. As habilidades e competências avaliadas pelo ENEM são classificadas em cinco:

Dominar linguagens: A linguagem é representada por um conjunto de sinais que permite a comunicação, falamos aqui, da língua Pátria, a linguagem das Matemáticas e Científicas.

Compreender fenômenos: envolve a construção e aplicação dos conceitos nas várias áreas do conhecimento, para entendimento dos fenômenos naturais, históricos, geográficos, tecnológicos e artísticos. Aqui nos torna clara a aplicação da interdisciplinaridade nessa avaliação envolvendo as diversas áreas do conhecimento.

Enfrentar situações problemas: envolve tomada de decisões referentes a analisar, relacionar e interpretar. Aqui, o conhecimento do aluno é usado na resolução de situações do cotidiano do aluno.

Construir argumentações: organizar informações e construir textos argumentativos consistentes.

Elaborar propostas: análise das argumentações valorizando os aspectos sociais. Para se obter sucesso é conveniente ter talento para a atividade, habilidade para realizá-la e competência.

O conceito de habilidades cognitivas está intimamente ligado ao saber fazer, não se trata de memorização, mas sim de informações que são devidamente assimiladas e compreendidas. Para isso, devemos trabalhar a memória, a atenção, o raciocínio lógico, o sequenciamento, o pensamento simbólico e tantas outras habilidades em busca do desenvolvimento. Dessa forma, chegarmos às competências necessárias para aprendizagem. É essencial que na infância possamos desenvolver atividades nessa área, principalmente quando pensamos em pessoas com deficiência ou transtornos de aprendizagem, pois trabalhar habilidades cognitivas auxilia no desenvolvimento da criança.

Durante a mediação é interessante estar em contato com o professor regente da turma, para que em conjunto possam analisar as dificuldades do sujeito. Como por exemplo, pessoas com autismo têm dificuldades de interpretação e sequenciamento de fatos. Para isso, devemos estruturar os conteúdos colocando por esquema e desenvolver habilidades que facilitem a compreensão, trabalhar o reconto de histórias, assim como o sequenciamento.

O sequenciamento é ideal para desenvolver estímulos que levem o sujeito a estruturar um problema de uma determinada maneira. A sequência das instruções é fundamental para que se consiga uma boa aprendizagem.

Atividades como:

- ✓ Desenhar caminhos e formas a serem seguidos com dedo;
- ✓ Alinhar sequências de histórias;
- ✓ Criar interpretações de textos com sequência didática;
- ✓ Passo a passo de receitas e atividades em quadrinho que auxiliam nesse trabalho.

Um exemplo de atividade cognitiva que o professor poderá aplicar em sala de aula:

Atividade: Vamos ajudar João e Maria?

Objetivo: O objetivo da atividade é trabalhar a criatividade, a fala, sequência e a atenção das crianças.

Habilidade trabalhada: Será trabalhada a ordem cronológica dos fatos (sequência), a atenção, a memória de trabalho e o raciocínio-lógico para montagem da história.

Dinâmica: Vamos ajudar a salvar João e Maria? Quais caminhos irão percorrer para chegar a casa? O que encontraremos no meio do caminho? Como podemos despistar a bruxa? Trabalhe com imagens e invente com a criança um caminho para se chegar até lá. Teremos de pular um rio, escalar uma montanha, passar por um túnel (embaixo de uma mesa, cadeira), etc.

Diversas pesquisas mostram que não basta dominar Português e Matemática, por exemplo, se o indivíduo não souber se relacionar com os outros, não for determinado, não tiver autonomia, não se conhecer, não conseguir dominar suas emoções, não souber fazer autogestão, entre outras características comportamentais e de personalidade.

A cognição são as condições que oferecem a obtenção de conhecimento, já a capacidade cognitiva é a capacidade de que cada um tem individualmente de interpretar os estímulos do ambiente envolto e também de si mesmo para tomar as decisões do próprio comportamento.

Para se tornar mais claro, a definição de cognição consiste em um conjunto de habilidades mentais e cerebrais que são necessárias para a obtenção de conhecimento sobre o mundo que compreendem habilidades de pensamento, abstração, raciocínio, memória, linguagem, capacidade de resolução de problemas e até mesmo a criatividade.

O desenvolvimento dessa inteligência cognitiva se faz com o constante processo de aprendizado crescente. Desta forma, é muito importante sempre buscar novos conhecimentos e desafios para manter a mente trabalhando.

A inteligência cognitiva também pode ser chamada de inteligência intelectual e em resumo, pode ser caracterizada na capacidade de cada um de manipular informações e responder a elas. Essas informações são os dados de conteúdo cognitivo e podem ser as ideias que consistem o pensamento ou os valores, que são o conteúdo do juízo.

Através da nossa inteligência cognitiva conseguimos discernir as relações entre dados concretos e abstratos da nossa mente. Durante a vida há várias dessas relações sejam elas de identidade, semelhança, diferença, exclusão e muitas outras situações que passamos dia após dia.

A inteligência cognitiva pode ser separada em duas atividades distintas sendo elas, a atividade criativa e a atividade reprodutiva.

Na primeira, a criativa, a pessoa cria novas condições e situações que ainda não teve experiência, é elaborado pela criatividade de cada um. Já a atividade reprodutiva é o processo de identificação e reprodução das condições e situações já estabelecidas através do ambiente, das relações com outras pessoas, meios de informações, experiências já vivenciadas, entre outros.

COMPETÊNCIAS FILOSÓFICAS

As mudanças ocorridas no contexto mais abrangente das sociedades nos últimos tempos têm se refletido no espaço particular da Escola e professores e alunos vêm sentindo sua interferência nas relações mais específicas da sala de aula. Diante de tal cenário, soa confortante e animador a proposta de se adotar as reflexões filosóficas como embasamento da formação escolar.

Para Lipman (1990), a filosofia é uma ciência de investigação, que por meio do diálogo entre alunos/alunos/professor é possível construir ideias, pensar independente, trazendo para suas vidas nova percepção de descoberta, de invenção, de interpretação e de crítica. A sala de aula é ambiente favorável para o desenvolvimento da filosofia para o bem pensar, onde cada aluno necessita desenvolver o seu ponto de vista, seu estilo de pensamento, sua perspectiva de vida.

As mudanças, tanto de pensamento como de comportamento, ocorridas no contexto mais abrangente das sociedades nos últimos tempos, têm se refletido no espaço particular da Escola e professores e alunos vêm sentindo sua interferência nas relações mais específicas da sala de aula.

Apesar dos obstáculos os mais diversos, a Filosofia pode ser uma opção para as crianças no ambiente escolar e, se bem aplicada, torna-se um instrumento motivador à vivência infantil, desde a mais tenra idade. Ela atrai a atenção e participação para temas significativos da vida, oferecendo habilidades de raciocínio, dentro do espírito aberto e crítico. Para Lipman (1990), a filosofia é uma ciência de investigação, que por meio do diálogo entre alunos/alunos/professor é possível construir ideias, pensar independente, trazendo para suas vidas nova percepção de descoberta, de invenção, de interpretação e de crítica.

A infância é a fase privilegiada para a formação da identidade, do caráter e dos valores para a convivência respeitosa e cooperativa entre as pessoas. E, é comum nas crianças, assim como acontece com os filósofos, a capacidade de se maravilhar.

As crianças as maiores apreciadoras de atitudes bonitas e elas gostam de repeti-las. Portanto, a educação para o filosofar encontra nesta fase o momento mais intenso e mais fértil para a percepção do eu e do outro. Educar para pensar bem por si só, para refletir, dialogar e investigar honestamente é formar o cidadão livre e ético, consciente de si e da escolha de valores com os quais se identifica.

Crianças filosoficamente inteligentes são as que fazem boas perguntas sobre o que antes se acreditava inquestionável.

LITERATURA ORAL COMO CONTEÚDO DIDÁTICO

Literatura oral é a antiga arte de exprimir eventos reais ou fictícios em palavras, imagens e sons. Histórias têm sido compartilhadas em todas as culturas e localidades como um meio de entretenimento, educação, preservação da cultura e para inculcar conhecimento e valores morais. No livro intitulado *Contos dos Irmãos Grimm*, Estés (2005, p. 14) afirma que “Desde tempos imemoriais, alguns contos têm sido usados para fazer proselitismo de certas maneiras de ser, agir e pensar.”

A literatura oral é frequentemente considerada como sendo um aspecto crucial da humanidade. Os seres humanos têm uma habilidade natural para usar comunicação verbal para ensinar, explicar e entreter, o que explica o porquê da literatura oral ser tão preponderante na vida cotidiana. A literatura oral tradicional difere da literatura oral multimídia no sentido de que ela é experimentada e se forma dentro da mente da audiência. Por exemplo, um dragão descrito será diferente para cada ouvinte, enquanto uma representação visual será mais específica. Dado que a literatura oral tradicional depende da experiência pessoal e da imaginação do recipiente, ela tende a ter um impacto mais forte.

As primeiras formas de narrativa eram orais, combinadas com gestos e expressões: palavras eram faladas de uma pessoa para outra num esforço de comunicar uma mensagem ou sentimento. Histórias também eram vistas em desenhos em rochas e paredes de cavernas. Com a invenção da escrita, histórias foram gravadas, transcritas e compartilhadas através de grandes regiões do mundo.

A medida que as atividades humanas se tornaram mais refinadas e complexas, histórias visuais foram sendo apresentadas em imagens gravadas em madeira, bambu, marfim e pedra, pintadas sobre tela, seda e papel, gravadas em filme e armazenadas eletronicamente como imagens digitais.

Tradicionalmente, histórias orais eram passadas de geração em geração e sobreviviam unicamente na memória. Com a invenção da mídia escrita, isto tornou-se menos importante. Particularmente, em tempos modernos, uma vasta indústria de entretenimento foi construída sobre uma base sofisticada de narrativa multimídia.

A literatura oral é uma forma de arte improvisacional por vezes comparada à música. Geralmente, um narrador não memoriza um conjunto de textos, mas aprende uma sequência de incidentes "roteirizáveis" que formam um arco narrativo satisfatório (uma trama) com um início, meio e fim distintos. O narrador visualiza os personagens e cenários e então improvisa o fraseado. Por conseguinte, nunca duas narrativas de uma mesma história oral serão iguais.

Um pesquisador de Harvard, Albert Bates Lord, comparou transcrições de campo de narrativas orais de bardos da Iugoslávia coletados por Milman Parry nos anos 1930 e os textos de épicos

tais como Odisseia e Beowulf. Lord descobriu que uma parte surpreendentemente grande das histórias consistia de textos improvisados durante o processo narrativo.

As palavras aparentemente provinham de um "depósito mental" de frases e artifícios narrativos acumulados por toda uma vida.

Lord identificou dois tipos de "vocabulário" narrativo. Ao primeiro denominou fórmulas: "os dedos rosados da aurora", "o mar sombrio", certos conjuntos frasais, já haviam sido identificados em Homero e outros épicos orais. Mas ninguém antes de Lord percebera quão comuns estas fórmulas eram. Ele descobriu através de muitas histórias tradicionais, que cerca de 90% de um épico oral é montado com linhas repetidas literalmente ou com substituições de palavras na base de uma para uma. Histórias orais são construídas com frases acumuladas ao longo de uma vida de ouvir e contar histórias. O outro tipo de vocabulário de histórias é o tema. Um tema é um conjunto sequencial de ações narrativas que estruturam o conto.

Da mesma forma que o narrador prossegue linha por linha usando fórmulas, ele prossegue evento por evento usando temas. Uma regra quase universal é a repetição, evidenciada no folclore ocidental com a regra de três: três irmãos partem, três tentativas são feitas, três charadas são formuladas.

Existem muitos tipos de histórias, tais como fábulas, parábolas, mitos e lendas. As histórias expressam variados estados de espírito, podendo ser humorísticas, inspiracionais, educativas, assustadoras, trágicas e românticas. Podem também ser baseadas na vida de personagens reais ou fictícios, como Salomão e Nasrudin.

Às vezes, os folcloristas dividem a literatura oral em dois grandes grupos: "Märchen" e "Sagen". Estes são termos do alemão que não possuem equivalente preciso em português, sendo o primeiro tanto singular quanto plural.

"Märchen", livremente traduzido como "contos de fadas" (embora fadas sejam raros neles) transcorrem num tipo de mundo de "faz-de-conta" localizado em nenhures. Claramente, não pretendem ser tomados como expressão da verdade. As histórias são cheias de incidentes nitidamente definidos e povoadas por personagens bidimensionais com pouca ou nenhuma vida interior. Quando o sobrenatural ocorre, é apresentado prosaicamente, sem qualquer surpresa. Realmente, o impacto é geralmente reduzido; eventos arrepiantes podem ocorrer, mas com pequeno apelo emocional para o ouvinte.

"Sagen", que poderia ser traduzido como "lendas", são histórias que supostamente ocorreram num tempo e lugar determinados e extraem muito de sua força deste fato.

Quando o sobrenatural intervém (como ocorre frequentemente), o faz de um modo emocionalmente perturbado. Histórias de fantasmas e de amantes pertencem a esta categoria, bem como muitas lendas sobre fadas e OVNI's.

CONTO DE FADAS

Um conto de fadas é um tipo de história que tipicamente apresenta personagens fantásticos do folclore, como anões, dragões, elfos, fadas, gigantes, gnomos, goblins, grifos, sereias, animais falantes, trolls, unicórnios ou bruxas. A história também, via de regra, apresenta encantamentos. Contos de fadas se distinguem de outras narrativas folclóricas como as lendas (que, em geral, envolvem a crença na veracidade dos eventos descritos) e as histórias claramente morais, incluindo as fábulas.

O termo é, acima de tudo, utilizado para histórias com origens na tradição europeia e, pelo menos nos séculos recentes, se relaciona em maior parte à literatura infantil.

Em contextos menos técnicos, o termo é também usado para descrever algo abençoado com uma felicidade incomum, como na expressão "final de conto de fadas" (um final feliz) ou um "romance de conto de fadas" (embora nem todos os contos de fadas tenham finais felizes). Popularmente, um "conto de fadas" ou "história de fadas" também pode significar qualquer história improvável.

Neste caso, o termo é usado para qualquer história que não só não é verdadeira, mas não poderia ser verdadeira. Lenda são tidas como reais. Contos de fadas podem se transformar em lendas, nos casos em que a narrativa é tida como embasada em verdades históricas tanto pelo narrador quanto pelos ouvintes.

Contudo, diferente de lendas e dos épicos, os contos de fadas, via de regra, contém apenas referências superficiais à religião e lugares, pessoas e eventos reais. Eles podem ocorrer num tempo indeterminado (geralmente marcado pela expressão era uma vez) ao invés de num tempo real.

Contos de fadas são encontrados tanto em tradições orais quanto em literárias. O nome "conto de fada" foi concebido pela primeira vez por Marie-Catherine d'Aulnoy no final do século XVII. Muitos dos contos de fadas atuais evoluíram de histórias seculares, que apareceram, com variações, em diversas culturas ao redor do mundo.

A história do conto de fada é especialmente difícil de traçar, porque apenas formas literárias sobreviveram. Contudo, de acordo com pesquisadores das universidades de Durham e Lisboa, tais histórias podem ter se originado há milhares de anos, algumas até na Idade do Bronze, há mais de 6 000 anos atrás. Contos de fadas, e obras derivadas deles, ainda são escritas hoje em dia.

Folcloristas classificaram contos de fadas de diferentes maneiras. O sistema de classificação de Aarne-Thompson e a análise morfológica de Vladimir Propp estão entre os sistemas mais notáveis. Outros folcloristas interpretaram os significados das histórias, mas nenhuma escola de pensamento foi definitivamente estabelecida para o sentido dos contos de fadas.

FOLCLORE

Folclore (do inglês folk-lore: "conhecimento popular") é um gênero da cultura de origem popular, que representa a identidade social de uma comunidade através de atividades culturais que nasceram, individualmente ou coletivamente, e se desenvolveram com o povo (costumes e tradições) transmitidos entre gerações.

Folclorismo é uma especialidade da ciência que tem como objeto o estudo sobre o homem, os costumes e as tradições, em paralelo a antropologia (ciência que estuda todas as dimensões do homem e da humanidade).

Este tipo de cultura não é um conhecimento cristalizado, embora se enraíze em tradições que podem ter grande antiguidade, mas transforma-se no contato entre culturas distintas, nas migrações, e através dos meios de comunicação, onde se inclui recentemente a internet.

Uma das funções culturais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é orientar as comunidades no sentido de administrar sua herança folclórica, cientes de que o progresso e as mudanças que ele provoca podem tanto enriquecer uma cultura como destruí-la para sempre.

O folclore não é, como se pensa, uma simples coleção de fatos disparatados e mais ou menos curiosos e divertidos; é uma ciência sintética que se ocupa especialmente dos camponeses e da vida rural e daquilo que ainda subsiste de tradicional nos meios industriais e urbanos.

O folclore liga-se, assim, à economia política, à história das instituições, à do direito, à da arte, à tecnologia, etc, sem entretanto confundir-se com estas disciplinas que estudam os fatos em si mesmos de preferência à sua reação sobre os meios nos quais evoluem.

Pode-se dividir as manifestações folclóricas em oito categorias:

- ✓ Música e dança;
- ✓ Festas populares;
- ✓ Usos e costumes;
- ✓ Crendices e religiosidades;
- ✓ Artesanato;
- ✓ Brinquedos e brincadeiras, e;
- ✓ Linguagem e literatura oral (dialetos).

LENDA

Lenda é uma narrativa fantasiosa transmitida pela tradição oral através dos tempos.

De caráter fantástico e/ou fictício, as lendas combinam fatos reais e históricos com fatos irrealis que são meramente produto da imaginação aventuresca humana. Uma lenda pode ser também verdadeira, o que é muito importante.

Com exemplos bem definidos em todos os países do mundo, as lendas geralmente fornecem explicações plausíveis, e até certo ponto aceitáveis, para coisas que não têm explicações científicas comprovadas, como acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais. Podemos entender que lenda é uma degeneração do Mito.

Como diz o dito popular "Quem conta um conto aumenta um ponto", as lendas, pelo fato de serem repassadas oralmente de geração a geração, sofrem alterações à medida que são contadas.

Lendas no Brasil são inúmeras, influenciadas diretamente pela miscigenação na origem do povo brasileiro.

Devemos levar em conta que uma lenda não significa uma mentira, nem tão pouco uma verdade absoluta, o que devemos considerar é que uma história para ser criada, defendida e o mais importante, ter sobrevivido na memória das pessoas, ela deve ter no mínimo uma parcela de fatos verídicos.

Muitos pesquisadores, historiadores ou folcloristas, afirmam que as lendas são apenas frutos da imaginação popular, porém como sabemos as lendas em muitos povos são "os livros na memória dos mais sábios".

No Brasil encontramos as seguintes lendas:

- | | |
|-------------------------|---------------------|
| ✓ Vitória Régia | ✓ Boto |
| ✓ Caipora | ✓ Capelobo |
| ✓ Cuca | ✓ Chupa-Cabra |
| ✓ Curupira | ✓ Mapinguari |
| ✓ Boitatá | ✓ Corpo-seco |
| ✓ Mula sem cabeça | ✓ Comadre Fulozinha |
| ✓ Iara | |
| ✓ Negrinho do Pastoreio | |
| ✓ Papa-figo | |
| ✓ Saci Pererê | |
| ✓ Boiuna | |
| ✓ Romãozinho | |
| ✓ Jacu Casamenteiro | |

LITERATURA INFANTIL

A literatura infantojuvenil é um ramo da literatura dedicado especialmente às crianças e jovens adolescentes.

Nela, se incluem histórias fictícias infantis e juvenis, biografias, novelas, poemas, obras folclóricas e culturais, ou simplesmente obras contendo/explicando fatos da vida real.

Naturalmente, o conteúdo dentro de uma obra infanto-juvenil depende da idade do leitor; enquanto obras literárias destinadas a crianças de dois a quatro anos de idade são quase sempre constituídas de poucas palavras e são muito coloridas e/ou possuem muitas imagens e fotos, obras literárias destinadas ao jovem adolescente muitas vezes contêm apenas texto.

De toda forma, a literatura infantil é fundamental para que crianças travem contato com os livros desde cedo, acostumando-se com sua textura, seu formato, seu cheiro e seu universo de possibilidades.

A literatura infantil é destinada especialmente às crianças entre dois a onze anos de idade. O conteúdo de uma obra infantil precisa ser de fácil entendimento pela criança que a lê, seja por si mesma, ou com a ajuda de uma pessoa mais velha. Além disso, precisa ser interessante e, acima de tudo, estimular a criança.

Os primeiros livros direcionados às crianças foram feitos por professores e pedagogos no final do século XVII, com o objetivo de passar valores e criar hábitos. Atualmente a literatura infantil não tem só este objetivo, hoje também é usada para propiciar uma nova visão da realidade, diversão e lazer.

Obras literárias destinadas às crianças com dois a quatro anos de idade possuem apenas grupos de palavras e/ou poucas e simples frases. Os livros são coloridos e/ou possuem muitas imagens e/ou fotos, tanto porque criança está apenas começando a aprender a ler, bem como estimula a criança por mais livros/histórias. Livros dedicados a leitores entre quatro a seis anos apresentam maiores grupos de palavras organizados em um texto, sem abrir mão de estímulos visuais mencionados acima. Aqui podem ser incluídos algumas histórias em quadrinhos, como a Turma da Mônica, por exemplo.

Obras literárias feitas para crianças entre sete a dez anos começam a possuir cada vez menos cores e imagens, e apresentando textos cada vez maiores e fatos cada vez mais complicados e explicativos, uma vez que o jovem leitor, agora já em fase escolar, é estimulado a encontrar respostas por ele mesmo - o começo da racionalização.

Quase toda obra literária infantil possui algumas características em comum, embora exceções existam:

- ✓ Ausência de temas adultos e/ou não apropriados a crianças. Isto inclui guerras, crimes hediondos e drogas, por exemplo;
- ✓ São relativamente curtos - não possuem mais do que 80 a 100 páginas;
- ✓ Presença de estímulos visuais (cores, imagens, fotos, etc);
- ✓ escrito em uma linguagem simples, apresentando um fato ou uma história de maneira clara;
- ✓ São de caráter didático, ensinando ao jovem leitor regras da sociedade e/ou comportamentos sociais;
- ✓ Possuem mais diálogos e diferentes acontecimentos, com poucas descrições;
- ✓ Crianças são os principais personagens da história;
- ✓ Em geral, possuem um final feliz.

Obs.: Livros de poesia infantil, assim como os de prosa, permitem a riqueza de ilustrações, que torna a palavra um "brinquedo lúdico" e "companheiro para todas as horas".

O PENSAR CRÍTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A criança na fase de 6 a 10 anos encontra-se no que Wallon classifica como Estágio Categorical, que, em sua teoria, compreende o período dos 6 aos 11 anos.

Nesse momento do desenvolvimento, segundo a concepção de Wallon, a criança afasta-se do estágio anterior, o personalismo, que dura dos 3 aos 6 anos, e tem como característica mais marcante a afetividade no desenvolvimento, posto que a criança está aprendendo a diferenciar o eu do mundo exterior.

Para Vygotsky, é possível compreender o desenvolvimento humano considerando a relação indivíduo/sociedade, a origem cultural das funções psíquicas, a base biológica do funcionamento psicológico, a mediação presente nas atividades humanas e as características básicas dos processos psicológicos humanos.

Piaget descreve o desenvolvimento humano através de 4 estágios básicos:

Sensório-motor (0 - 2 anos);

Pré-operatório (2 - 7/8 anos);

Operatório-concreto (8 - 11/12 anos);

Operatório-formal (12 anos em diante).

No período Sensório-motor (0 a 2 anos), começa na criança a construção do real, em que tudo, a princípio, parece caótico. Suas percepções e movimentos possibilitam que a criança conheça e passe a, gradualmente, compreender e dominar tudo ao redor.

No período Pré-operatório (2 a 7/8 anos), aparece a função simbólica ou, como algumas vezes denomina Piaget, semiótica. Este é o momento em que a criança adquire a linguagem, porém linguagem e lógica não surgem simultaneamente. Justamente pela ausência do pensamento lógico, apesar de neste estágio o pensamento já apresentar tamanha evolução, ainda predomina na criança o egocentrismo intelectual e social, pois a realidade ao seu redor ainda é concebida somente a partir de si.

No Período das operações concretas (7 a 11/12 anos), a criança desenvolve a capacidade de estabelecer relações lógicas e coordenar pensamentos de forma coerente. As operações deixam de ser necessariamente realizadas apenas no plano físico, passam a ser realizadas mentalmente. De acordo com Piaget, a compreensão da reversibilidade e as conservações operatórias são características de crianças a partir de 7 ou 8 anos de idade, faixa etária na qual as crianças estão iniciando suas vidas escolares.

Esse processo ocorre até os 12 anos, aproximadamente, e é explicado como o "sucesso de três grandes construções, cada uma das quais prolonga a anterior, reconstituindo-a primeiro num plano novo para ultrapassá-la em seguida, cada vez mais amplamente." A teoria de Piaget sugere que neste ponto do desenvolvimento cognitivo, surjam as noções de conservação, classificação e seriação.

"As operações concretas estabelecem, portanto, muito bem a transição entre a ação e as estruturas lógicas mais gerais".

É preciso, porém, ressaltar que as operações ainda não se baseiam em hipóteses, são consideradas concretas porque baseiam-se diretamente nos objetos.

No Período das operações formais (12 anos em diante), a criança, atinge a abstração do pensamento e passa a ter a habilidade de formular hipóteses, seu pensamento baseia-se na lógica. Este, segundo Piaget, é o estágio final do desenvolvimento, que continua sendo aprimorado ao longo da vida do sujeito.

Todo educador sabe como é importante incentivar o protagonismo dos seus estudantes. Assim como sabe que, para isso ser atingido, é essencial que ele tenha um olhar analítico sobre as

informações processadas diariamente. Por isso, algo precisa ser despertado cotidianamente nas escolas: o pensamento crítico dos alunos.

Os estudantes não podem pensar criticamente se não tiverem as informações de que precisam. Por isso, comece qualquer exercício de pensamento crítico com uma revisão de informações relacionadas.

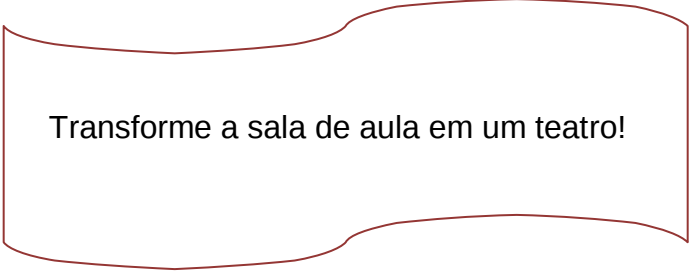
Os recursos que poderão auxiliar o professor em sua didática são:

- ✓ Tarefas de leitura e outros trabalhos de casa;
- ✓ Lições anteriores ou exercícios de pensamento crítico;
- ✓ Um vídeo ou texto.

Aconselhamos que inicie a rotina de fazer todos os dias uma pergunta para a turma. Ela pode ser sobre algo que aprenderam na aula anterior ou sobre algo que ainda irá abordar. A ideia é fazer os alunos refletirem sobre o tema e terem conclusões próprias.

Os estudantes podem escrever respostas em seus cadernos e, em seguida, tenham uma discussão de classe sobre o tema e as respostas pensadas.

Grandes obras literárias são uma plataforma de lançamento perfeita para estimular o pensamento crítico dos alunos e criação de argumentos, com narrativas desafiadoras e caracterização profunda.



Transforme a sala de aula em um teatro!

Agrupe os alunos e faça-os pesquisar, ou o próprio professor pode sugerir, um conflito envolvendo uma interação entre duas figuras históricas famosas.

Depois, peça que eles decidam qual personagem cada um escolherá para interpretar. Cada um deles terá pontos de vista opostos neste conflito. Peça-lhes que discutam até que possam explicar mutuamente o ponto de vista do outro.

O pensamento crítico pode ser inserido em qualquer currículo escolar ou planejamento de aula, desde que a escola e o professor se disponham a proporcionar um ambiente fértil para o debate e discussão de ideias, em que os alunos questionam e avaliam o conteúdo e a fonte das informações. Fazer com que os alunos reconheçam certos padrões na informação os ajuda a encará-la com um processo ao invés de simplesmente memorizá-la. Um olhar crítico ajuda muito na compreensão, leitura e resolução de problemas propostos e praticados durante os anos escolares, atributos mais que necessários para o sucesso em vestibulares, na vida acadêmica e profissional.

Pode ser difícil para o professor agir mais como um facilitador do que um mestre, levando em consideração o padrão de ensino que seguimos há séculos. Mas já existem cursos e escolas para ajudar os docentes a adotarem metodologias voltadas ao desenvolvimento da criticidade em suas aulas. Os alunos devem começar por entender que muitas vezes não há uma só resposta certa, o que resulta em mais questionamentos.

Surge como Pedagogia Revolucionária, mas como o período era de regime militar eles seriam facilmente impedidos de transmitir novos ideais. Por conseguinte é criado o termo Pedagogia da Dialética, porém dialética sugere vários sentidos, como o objetivo era de superar as teorias não-críticas e as teorias crítico-reprodutivistas.

Baseou-se no materialismo histórico de Marx e na teoria histórico cultural de Vygotsky, surgindo assim a Pedagogia Histórico-Crítica, que tem por objetivo trabalhar o conhecimento sistematizado pelo aluno a partir da sua realidade, propondo uma interação entre conteúdo e a realidade concreta, visando à transformação da sociedade através da ação-compreensão-ação do educando.

A pedagogia histórico-crítica surgiu como uma resposta à necessidade amplamente sentida entre os educadores brasileiros de superação dos limites tanto das pedagogias não-críticas, representadas pela concepção tradicional, escolanovista e tecnicista, como das visões crítico-reprodutivistas, expressas na teoria da escola como aparelho ideológico do Estado, na teoria da produção e na teoria da escola dualista.

Durante a década de 1980 essa proposta pedagógica conseguiu razoável difusão, tendo sido tentada, até mesmo, a sua adoção em sistemas oficiais de ensino como foi o caso, em especial dos estados do Paraná e de Santa Catarina.

O maior objetivo da Pedagogia Histórico-crítica é evidenciar o determinante entre a prática social e a prática educativa, pois deixa de ser apenas uma pedagogia destinada à escola e preocupa-se também com o fator social que segundo o autor tem relativa intervenção no âmbito escolar.

Qualificar o pensamento é um dos papéis que a escola do século XXI tende a se preocupar, pois é fundamental gerirmos uma sociedade de pessoas que reflitam e atuem de modo significativo e produtivo, cultivando valores, aprimorando nossas relações humanas e construindo um mundo melhor. É fato que a educação escolar é um dos cerne para que estas ações possam vir a tornar-se cada vez mais presente em nossa sociedade.

A infância é o princípio do processo de aprimoramento do pensar. Da mesma forma em que há uma proposta de alfabetização na infância, é necessário que também haja estratégias e o encorajamento para as crianças elaborem reflexões que sejam plausíveis e que cultivem a integridade pessoal e moral.

“É preciso pensar bem, para agir melhor”

O Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman , que toma força a partir do final da década de 60 nos Estados Unidos, vem sendo cada vez mais discutido nos meios escolar e acadêmico no Brasil. Trata-se de um Programa que visa cultivar e desenvolver as habilidades de pensamento das crianças, mediante a investigação e discussão de temas filosóficos, a fim de que elas possam pensar por si mesmas.

O pensamento de Lipman se respalda em vários autores para explicitar os seus princípios; isso indica a sua preocupação com a definição dos conceitos dificultando a identificação de seu referencial filosófico. Na tentativa de solucionar esta dificuldade seguir-se-á sua própria sugestão para o processo de investigação filosófica, que promove o questionamento a partir do texto e não sobre o mesmo.

Com a única diferença de que a indagação será feita à própria concepção de Lipman, e não à comunidade que investiga.

Lipman, insatisfeito com o sistema educacional norte americano da década de 60 denominado por ele paradigma padrão da prática normal (transmissão, pelo professor, de conhecimentos aos alunos, cabendo a estes apenas a absorção de um conhecimento pronto, inflexível e inequívoco por intermédio das informações que lhe são passadas), elabora um programa de ensino de filosofia que possa suprir principalmente as dificuldades de seus alunos, relativas à capacidade de ler, interpretar, inferir, construir sentenças e fazer julgamentos.

Em síntese a proposta pedagógica de Lipman aponta para um currículo que priorize as habilidades de pensamento, procurando educar pessoas razoáveis, ou seja, capazes de interpretar, refletir, julgar e decidir sobre temas e problemas da sociedade.

Para isso os alunos devem ser razoavelmente tratados e estimulados a pensar de forma crítica e criativa.

ATIVIDADES DE LITERATURA ORAL

Através de conhecimentos prévios trabalhados pelo professor com o aluno:

A aula deverá ser iniciada com a leitura, pelo professor, dos poemas da tradição oral do volume “Batata cozida, mingau de cará” que estão no endereço abaixo, da Coleção Literatura para Todos.

- Observar os recursos sonoros dos textos, repetições sonoras, rimas.
- Recitar ou ler em voz alta textos poéticos breves, previamente preparados.
- Acompanhar leituras em voz alta feitas pelo professor.

Gênero textual: forma composicional, estilo, função, contexto de circulação.

Com a leitura dos poemas da tradição oral, o professor poderá pedir que os alunos relatem se conhecem outros textos da tradição oral, como parlendas, trava-línguas, cantigas, trovinhas, causos, entre outros. Caso conheçam, solicitar que o alfabetizandos recitem ou relatem esses textos.

O professor propõe que os textos citados pelos alunos na atividade anterior sejam escritos em cartazes para que possam ser afixados na sala para conhecimento geral.

O professor solicita que os alunos discutam a questão: o que é tradição oral?

É importante conversar com os alunos sobre as diferentes versões de um mesmo texto da tradição oral, como por exemplo:

LÁ EM CIMA DO PIANO
TEM UM COPO DE VENENO
QUEM BEBEU, MORREU
DE MENOS EU
LÁ EM CIMA DO PIANO
TEM UM COPO DE VENENO
QUEM BEBEU, MORREU
O AZAR FOI SEU

O professor propõe um trabalho para a exploração das rimas e das repetições sonoras presentes nos textos da tradição oral. Para isso, sugere-se que o professor utilize-se de alguns poemas presentes no livro acessado na primeira atividade dessa aula. O texto abaixo será reproduzido no quadro:

“Batata cozida, mingau de cará
Moça bonita que vem do Pará
Parem de cantar, parem de pular
Abram a roda que ela vai passar.”

O professor solicita a leitura do texto e propõe que os alunos falem e circulem as palavras que rimam com CARÁ. Posteriormente, o professor poderá pedir que os alunos escrevam em seus cadernos outras palavras que rimam com a palavra cará. É importante socializar sempre as atividades realizadas pelos alunos.

O professor retoma o texto do item dois e solicita que os alunos reescrevam os versos criando outras palavras que rimam dentro dos poemas, como por exemplo:

“Batata cozida, mingau de cará
Moça bonita que vem do Pará
Parem de cantar, parem de dançar
Abram a roda que ela vai balançar.”

O professor combina com a turma a apresentação dos versos produzidos e sugere que esses versos sejam também recitados para outras pessoas, como por exemplo, os familiares.

O professor encerra a aula propondo que os alunos escolham o texto que mais gostaram dentre todos os que foram lidos ou recitados em sala. Nesse momento, o professor, como elemento do grupo, deverá dar a sua opinião.

O conjunto desses textos transmitidos oralmente constitui a literatura oral e tradicional.

Conto Tradicional - narrativa inventada pelo povo, breve e simples, transmitida oralmente e com uma finalidade lúdica e moralizante. Grande parte dos contos recorre ao maravilhoso, apresentando muitos elementos simbólicos.

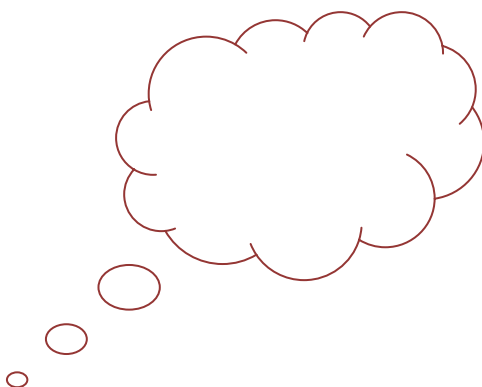
Provérbio - também conhecido por ditado popular, é uma frase, sob a forma de máxima ou sentença, que transmite um saber e/ou encerra uma moral, sendo transmitida de geração em geração pela via oral.

Lengalenga - texto lúdico, de extensão variável, geralmente rimada, facilitando, assim, a sua memorização. Adivinha - enigma que consiste num jogo de palavras, com vista a encontrar uma solução.

Quadra Popular - poema com quatro versos, de origem popular, com finalidade lúdica ou satírica, recorrendo a repetições e rimas, de forma a facilitar a sua memorização.

Lenda - narrativa transmitida oralmente, de geração em geração, que assenta em fatos reais modificados pela fantasia. Resulta, pois, de uma mistura de realidade e fantasia. Pode possuir um fundo histórico, destinar-se unicamente à explicação de um fato geográfico ou explicar a origem de lugares.

Fábulas - narrativa breve e simples, em verso ou em prosa, em que as personagens são animais ou seres inanimados. Têm uma função lúdica e moralizante, pois pretende representar as qualidades e os defeitos do ser humano. Fedro, Esopo, La Fontaine, Bocage e João de Deus são alguns dos fabulistas mais conhecidos.



Constrói-se, assim, uma rede de relações com o mundo, com a percepção e o olhar, como também uma relação com o outro, o inconsciente.

Duas concepções prévias, e quase opostas, surgem quando o tema é levantado: de um lado, destaca-se os textos ligados à Fantasia e seus dragões; no outro, é lembrada a produção de escritores.

O pensamento sobre a identificação de um texto ligado a Literatura Fantástica se dá pela presença de personagens associados a este universo, como alienígenas ou zumbis, mas na verdade, e aí entra a questão, o Fantástico ocorre pelo manejo de elementos da narrativa que provocam no leitor a percepção de passagem da fronteira entre o chamado 'real' e outro mundo, em que questões sociais ou de caráter individual são tratados de forma simbólica.

Dessas releituras e críticas, algumas linhas de pesquisa deixaram de ver o Fantástico enquanto gênero e passaram a vê-lo como modo discursivo.

O fantástico se aproximou da fantasia e a sua concepção ficou ligada a representações de fatos sobrenaturais e, principalmente, dos acontecimentos insólitos.

A possibilidade de se hesitar entre os dois cria o efeito fantástico”.

No fantástico há a hesitação, a dúvida, a incerteza entre dois mundos: o da realidade e irrealidade.

Tendo em vista tal idéia, – de que a fé absoluta como a incredulidade total nos leva para fora do fantástico, pois é a hesitação que lhe dá a vida – podemos identificar duas características que podem ocorrer em tal modalidade de texto. A primeira é que a hesitação do leitor é condição essencial para caracterizar o fantástico. Tal poderá ser representada através da experiência da personagem, desta forma o papel do leitor é, por assim dizer confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra.

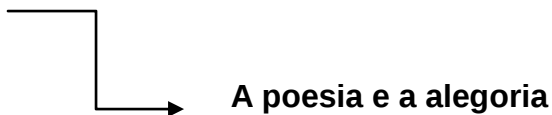
Como também pode não o ser, estando a hesitação situada apenas no leitor, apesar de esta situação ocorrer raramente nos textos fantásticos.

Uma segunda característica é a recusa do leitor a uma interpretação alegórica (tomando o sobrenatural ao pé da letra) ou “poética”.

Se há algo que podemos definir como fantástico, logo haverá textos que não devem ser ditos como tal, apesar da constância de confusões.

O critério do fantástico não se situa na experiência particular do leitor como ocorre na identificação de elementos como o medo. Este pode ser uma sensação atribuída a grande parte dos leitores do gênero fantástico, mas não o caracteriza per si. O critério do fantástico também não pode ser atribuído ao autor da narrativa, ou ao sobrenatural ou ainda à existência de elementos opostos à reprodução fiel da realidade. Tais critérios podem ocorrer no texto fantástico, mas não o individualizam enquanto tal.

O maravilhoso puro, assim como o estranho, não tem limites claros. Nesse gênero, não é a atitude para com os acontecimentos narrados que o caracteriza, mas a própria natureza desses acontecimentos. Há narrativas que se aproximam desse gênero, mas não inserem nele, como o maravilhoso hiperbólico na qual os fenômenos não são sobrenaturais a não ser por suas dimensões, superiores as que nos são familiares; o maravilhoso exótico, neste narra-se acontecimentos sobrenaturais sem apresentá-los como tais; maravilhoso instrumental, são aperfeiçoamentos técnicos que aparecem na narrativa irrealizáveis na época descrita; e o maravilhoso científico na qual o sobrenatural é explicado de uma maneira racional, mas a partir de leis que a ciência contemporânea não reconhece. Estas categorias diferem do maravilhoso puro, pois este não se explica de nenhuma maneira.



A poesia e a alegoria

O fantástico não pode aparecer na literatura poética, pois se, ao ler um texto recusamos a representação e consideramos cada frase como pura combinação semântica, o fantástico, enquanto hesitação não ocorrerá, já que não se faz, no texto, nenhuma relação questionadora com a realidade ou o sobrenatural.

Além da barreira poética, há, também, a alegórica. Nesta há dois sentidos: o literal, próprio e o sentido figurado, alegórico.

Um exemplo clássico das alegorias são as fábulas, na qual o efeito alegórico é claro e inquestionável. Mas há possibilidades de hesitação do leitor entre a leitura literal e a interpretação alegórica.



O Discurso Fantástico

O emprego do discurso figurado é um traço do enunciado. Quando se trata da enunciação, aspecto morfológico, teremos a segunda característica: a presença do narrador em primeira pessoa. Isso ocorre precisamente devido à "prova da verdade" se tornar frágil. Um narrador nunca é questionado do que diz. A personagem sim; esta pode mentir. Então um narrador-

personagem possui o crédito da verdade e crédito da dúvida, contribuindo eficazmente à hesitação fantástica.

Uma atividade para sala de aula é trazer a cultura para o desenvolvimento do pensar. Os professores poderão montar um teatrinho em sala de aula e iniciar a atividade com música:

Cultura

Arnaldo Antunes

O girino é o peixinho do sapo

O silêncio é o começo do papo

O bigode é a antena do gato

O cavalo é pasto do carrapato

O cabrito é o cordeiro da cabra

O peçoço é a barriga da cobra

O leitão é um porquinho mais novo

A galinha é um pouquinho do ovo

O desejo é o começo do corpo

Engordar é a tarefa do porco

A cegonha é a girafa do ganso

O cachorro é um lobo mais manso

O escuro é a metade da zebra

As raízes são as veias da seiva

O camelo é um cavalo sem sede

Tartaruga por dentro é parede

O potrinho é o bezerro da égua

A batalha é o começo da trégua

Papagaio é um dragão miniatura

Bactérias num meio é cultura

Os educadores possuem um conteúdo rico para ser explorado ao elaborar uma atividade do pensar na educação infantil.

Os professores poderão montar um teatrinho em sala de aula e iniciar a atividade com música:

Canção da Mamãe

Palavra Cantada

Está canção chama mama mamãe

Mas eu só canto pra mim

Eu não sabia o que eu ia dizer

Mas gostei dela assim

Assim que eu canto na hora do banho

Que eu canto para dormir

Tudo o que eu fiz pra mamãe é o que

Agora eu canto sozinho pra mim

Mama mãe eu amo a mamãe

Mama mãe eu amo a mamãe

É só assim que eu sei fazer

Essa é a canção que eu canto baixinho

Pra mim e pra você

Está canção chama mama mamãe

Mas eu só canto pra mim

Eu não sabia o que eu ia dizer
Mas gostei dela assim

Assim que eu canto na hora do banho
Que eu canto para dormir
Tudo o que eu fiz pra mamãe é o que
Agora eu canto sozinho pra mim

Mama mãe eu amo a mamãe
Mama mãe eu amo a mamãe

É só assim que eu sei fazer
Essa é a canção que eu canto baixinho
Pra mim e pra você

É só assim que eu sei fazer
Essa é a canção que eu canto baixinho
Pra mim e pra você

A educação para o pensar vem rever o conceito de Filosofia na sala de aula, com vistas a novo modo de ensinar, de aprender e de construir conhecimentos com os jovens e as crianças. Parte-se do princípio que a postura do professor deve estar mais centrada nas relações do que nas informações.

Para saber informações, necessita-se apenas acessar qualquer objeto que seja capaz de gravar-las, mas para construir idéias, necessita-se de seres humanos criativos, capazes de construir relações surpreendentes.

Como nos lembra Matthew Lipman, criador do Programa de Filosofia para Crianças, o ato educacional se manifesta no desenvolvimento da inteligência humana e a essência da inteligência reside não na faculdade de acumular informações, mas na capacidade de perceber o que é essencial e de agir eficazmente sobre as coisas.

Parafraseando Lipman, em geral, temos pouca ou nenhuma consciência do número de idéias sobre as quais nosso espírito trabalha incessantemente. Nosso pensamento age espontaneamente, sem que nos demorem para analisar, para aprofundar ou precisar seu conteúdo.

A comunidade de aprendizagem investigativa facilita a busca e a descoberta dessas idéias lógicas e pessoais.

Ensinar filosofia é exatamente como fazer jardinagem. Tome as sementes do pensamento e planta no espírito fértil das crianças. Em seguida, você as enriquece com questões pertinentes e provocadoras. Pouco depois, vê germinar, a sua frente, um indivíduo com um pensamento crítico que não apenas vai enriquecer sua vida e a dele próprio, mas a vida de todos a sua volta.

A educação para o pensar contribui significativamente para o crescimento pessoal e interpessoal do educando. Ela ajuda a criança ou o jovem a se tornar uma pessoa moral; a criar relações autênticas com seus pares e consigo mesma. Eles aprendem a confiança e o respeito. Eles aprendem a participar ativamente no fortalecimento do bem comum e assim a elaborar relações sociais eficazes. Em outras palavras, a educação para o pensar garante experiências ricas em significados.

Vygotsky, em a "Formação Social da Mente", apresenta tanto um suporte filosófico como psicológico para a tese de que o pensamento é a internalização do diálogo.

Vygotsky reconhece clara e abertamente a existência de uma diferença entre a capacidade que as crianças têm para solucionar problemas individualmente e a capacidade para resolverem tais problemas com a colaboração de seus professores e colegas. Assim a oportunidade de dialogar e confrontar idéias levará os estudantes a pensarem e a alcançarem um desempenho mais alto do que eles poderiam alcançar individualmente.

Os professores deveriam ter em mente as poderosas relações que existem entre a leitura e a fala, por um lado e a escrita e a fala de outro. Existe também uma relação estreita entre falar e escutar, pois se não escutamos com atenção o sentido do que está sendo dito, provavelmente entenderemos mal o que está sendo falado. A comunidade de aprendizagem investigativa vem favorecer ainda mais estas aprendizagens, saber ouvir, aprender a construir a partir da fala do outro, aprender a captar o essencial da discussão na hora de registrar e etc.

A educação para o pensar além de incentivar as crianças e jovens a serem críticos, também os incentiva a pensarem de modo criativo. Eles são também desafiados a fazer perguntas. Não incentivar e alimentar a busca de nossos jovens por compreensão, introduzindo-os no diálogo filosófico, por meio do qual podemos nutrir sua curiosidade e esclarecer suas intuições, significa obrigá-los a aceitar a aridez da visão especializada do conhecimento como acontece na escola, hoje.

Numa sociedade democrática, professores têm o compromisso inalienável de descortinar para o aluno a multiplicidade do pensamento humano.

Na sociedade democrática, o professor deve não apenas apresentar à turma todas as facetas da realidade, como promover ações que façam refletir sobre elas, utilizando, por exemplo, textos de autores de correntes diversas, de forma que o aluno possa conhecer diferentes formas de pensar uma mesma situação.

O projeto Pensar a Educação Pensar o Brasil busca articular ações de ensino, pesquisa e extensão em universidades públicas brasileiras, na busca de alternativas para se pensar o país, a partir da educação pública.

A Lei Nº 10.639 (2003) (que determina a inclusão de conteúdos de história e cultura africana e afro-brasileira no currículo da escola básica), Lei Nº 12.711 (2012) (que garante vagas para candidatos negros em universidades) e Lei Nº 12.990 (2014) (que reserva a negros espaço em concursos públicos) são alguns entre os vários exemplos de como a questão racial se tornou a tônica do debate público no tocante à diminuição das desigualdades brasileiras”.

Na escola, nós aprendemos que a filosofia é a mãe de todas as ciências. Aprendemos sobre a importância da filosofia na formação do pensar humano em todas as vertentes, desde das questões sobre o homem e o universo, até discussões acerca do amor e da política. Dada a sua importância, deveríamos ter uma educação com viés filosófico.

Ou seja, uma educação que buscasse desenvolver em nós um olhar crítico para o mundo que nos cerca e o nosso mundo interior.

Os gregos diziam que uma vida que não fosse refletida não valia a pena ser vivida, deste ponto de vista, o ensino desta disciplina vai além do atendimento de uma simples exigência curricular, mas propõe de modo sistemático o exercício da reflexão sobre temas ligados a própria vida, e que por muitas vezes não têm a atenção necessária, são banalizados e conseqüentemente a vida num todo também acaba sendo.

Questionar e refletir a realidade não são práticas naturais do ser humano, precisam ser estimuladas e incentivadas.

Podemos sugerir o ensino da filosofia como mais um dos recursos da educação para estimular a reflexão, não sendo a filosofia seu princípio ou fim, mas uma ferramenta que agrega e acrescenta na prática reflexiva de nossos alunos.

Se a criança não fosse um recém-chegado nesse mundo humano, porém simplesmente uma criatura viva ainda não concluída, a educação seria apenas uma função da vida e não teria que consistir em nada além da preocupação para com a preservação da vida e do treinamento e na prática do viver que todos os animais assumem em relação a seus filhos.

O educador poderá apresentar objeto, artes e figuras em sala de aula para a prática do desenvolvimento do pensar.

Van Gogh tem uma tela que representa esta cena: o pai, jardineiro, interrompeu seu trabalho e está ajoelhado, com os braços estendidos para a criança que chega, conduzida pela mãe. O rosto do pai não pode ser visto. Mas é certo que ele sorri. O rosto-olhar do pai diz para o filho: "Quero que você ande". É o desejo de que a criança ande, desejo que assume forma sensível no rosto da mãe ou do pai, que incita a criança ao aprendizado. Os braços estendidos do pai são mais importantes que os braços estendidos do professor. Aquele pai agachado, braços estendidos, sorriso escondido: não é uma linda imagem para o educador?

Segundo Nietzsche, a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. É através dos olhos que as crianças tomam contacto com a beleza e o fascínio do mundo. Os olhos têm de ser educados para que a nossa alegria aumente. As crianças não vêem "a fim de". Seu olhar não tem objetivo prático. Vêem porque é divertido. Leiam os poemas de Alberto Caeiro e vocês ficarão sabendo mais sobre o sorriso das crianças.

A filosofia pode preparar o indivíduo para a vida, levando o estudante a um verdadeiro amadurecimento enquanto cidadão, ou seja, ela deve preparar o jovem enquanto ser humano e social.

É necessária uma prática de ensino que leve os alunos a investigarem, valorizando o agir, o pensar e o falar. Quando se tem estes três componentes bem definidos e desenvolvidos são sinais que a filosofia está desempenhando verdadeiramente o seu papel.

Podemos dizer que a filosofia tem como fundamento não somente o pensar, o agir e o falar, mas tem que haver tudo isso sob a luz da razão e da reflexão que dão base para que o aluno analise os fatos sob diversos pontos de vista que é relativamente o papel mais importante da filosofia.

O objetivo é repensar as problemáticas educacionais à luz das descobertas recentes da neurobiologia e dos trabalhos da antropologia contemporânea e propõe uma filosofia e uma pedagogia capazes de dar sentido e coerência à ação cotidiana.

FILOSOFIA NA PEDAGOGIA

Uma política educativa sem uma pedagogia baseada, e fundamentada, numa filosofia pedagógica não assegura uma transmissão de conhecimentos com rigor, com racionalidade e ainda de uma forma inteligível e inteligente, evitando um tipo de ensino sem vivacidade, sem rigor e recorrendo, e abusando, apenas da memória.

Dentro da filosofia, o homem pode ser considerado uma criatura de vontades, medos, certezas, raiva e afetos. Desde os primórdios o que distinguia o homem primitivo dos outros animais era a memória, a capacidade de registrar e armazenar fatos que poderiam ser resgatados a qualquer momento.

A partir destas memórias, os povos primitivos e civilizados criaram suas mitologias e crenças, advindas das histórias inventadas, contadas, lembradas e passadas de geração em geração.

Estas crenças e mitos diziam respeito a tudo que cada povo acreditava e tomava como verdade.

À medida que o homem buscava suas verdades, à medida que estas eram transmitidas e discutidas, a civilização foi se desenvolvendo; instrução, valores, tradições e crenças vieram pela conquista social.

Os valores e conhecimentos da humanidade são fruto de uma busca constante pela verdade, baseados na revelação de ideologias existentes através de fundamentos racionais.

No decorrer da história, a filosofia se reconstruiu em paralelo ao pensamento científico; conforme o homem realizava suas pesquisas, reformas, alterações e reconstruções, a ciência transformava o mundo e assim eram alcançadas as virtudes mais sensíveis da existência humana, a experiência de cada um tornava-se sua filosofia.

Conforme surgiam os problemas comuns, tornava-se cada vez maior a necessidade de uma filosofia que orientasse, de forma harmônica, as perplexidades da vida.

O conceito da palavra "educação" é muito explorado por especialistas das mais diversas áreas das ciências, de acordo com sua própria maneira de pensar e viver. Com isso, surge uma grande dificuldade em definir conceitos concretos sobre a educação. Nesse contexto, a filosofia da educação vem para explorar, clarear, exemplificar, elucidar e criticar esse fenômeno já diversificadamente refletido.

A Filosofia da Educação reflete, por exemplo, sobre as relações existentes entre a educação e conceitos como conhecimento, democracia, profissionalização, doutrinação, socialização, treinamento, ensino e aprendizagem, no sentido de esclarecer essas noções, seus critérios de aplicabilidade e suas implicações.

A Filosofia da Educação no Brasil baseia-se nas ideologias de autores clássicos tradicionais e contemporâneos que discutem as concepções dos tradicionalistas e a interferência internacional. Apresenta também dimensões do cenário nacional, discutindo sobre os conceitos tradicionalistas e progressistas, em momentos históricos diferentes, refletindo sobre as características e utilidade prática de um conceito e outro, mesmo quando adversos, fundamentando seus sentidos e direções filosóficas.

A dimensão filosófica na educação é inquestionável.

Afinal, o papel do educador se compara à função de um filósofo, que tem a tarefa de instigar (em si mesmo e nos outros) o pensamento reflexivo e crítico em relação aos problemas que a realidade vivida apresenta, a fim de encontrar soluções racionais e eficazes para tais questionamentos.

A filosofia se mostra imprescindível na formação do educador, pois oferece a ele métodos para analisar profundamente a complexidade dos problemas educacionais e a contribuição das diferentes disciplinas pedagógicas para o desenvolvimento intelectual dos alunos. A partir dessa constatação, pode-se dizer também que ela exerce enorme influência no processo de ensino-aprendizagem promovido nas escolas, estimulando a curiosidade, a reflexão e o pensamento crítico dos estudantes.

Um pensamento que sabe falar de emoções, que as identifica, compreende e prioriza a curiosidade, o senso crítico e abertura a tudo que nos rodeia, é um pensamento livre e capaz de nos trazer mais felicidade.

As crianças possuem, sem dúvida, um potencial muito grande para aprender e explorar, e como pais atentos devemos lhes dar apoio e confiança, desde muito pequenas. Se diante de cada palavra, ideia ou questionamento, elas se sentirem apoiadas e valorizadas, se sentirão seguras para seguir em frente.

Para que aprendam a pensar, é essencial que as crianças aprendam como funciona o mundo das emoções. Por exemplo, desenvolver a empatia é uma chave essencial para o seu desenvolvimento como "uma pessoa sociável".

Um pensamento que entende o que é a tristeza e sabe como administrá-la, que identifica a raiva e aprende a canalizá-la, é um pensamento sábio porque consegue entender a si mesmo e os demais.

A educação das crianças começa por volta dos 3 a 4 anos, quando inicia sua vida escolar. A educação que ensina a pensar começa assim que chegam ao mundo.

Não deixe que as crianças percam a sua "criança interior" conforme crescem. É interessante incentivar atividades que desafiem e estimulem a sua curiosidade, para que aprendam enquanto se divertem.

Uma criança criativa será um adulto livre amanhã. Desenvolva sua capacidade imaginativa, sua vontade de aprender e sua curiosidade.

Permita que as crianças tenham suas ideias e suas opiniões, e que saiba argumentar. Não deixe que aceite somente uma visão dos fatos. Se estiver estudando sobre um determinado assunto na escola, incentive-o a ser crítico, a buscar outras opiniões e outras abordagens.

Ensine as crianças a pensar, não o que pensar!

Do ponto de vista cognitivo, não há nada mais desafiador do que problemas e erros, já que eles não apenas exigem esforço, mas também um processo de mudança ou adaptação. Quando enfrentamos um problema, todos os nossos recursos cognitivos são colocados em ação e, muitas vezes, essa solução implica uma reorganização do esquema mental.

Entendendo que a Filosofia tem um papel importante na formação do indivíduo, buscamos desenvolver a presente pesquisa que teve como objetivo analisar os métodos e técnicas que os professores utilizam em sala de aula para cultivar nas crianças o gosto pelo Filosofar.

A importância da Filosofia está em trabalhar questões do pensamento, os valores, a refletir sobre ideias e crenças, discutir direitos e deveres que devemos ter em sociedade. A prática da filosofia vem para contribuir para as nossas vidas.

A Filosofia tem o propósito de ensinar desde cedo as crianças a exercitar o seu pensamento diante das questões que lhe causam curiosidade, possibilitando soluções dos acontecimentos do cotidiano, possibilitando a troca de experiência, para que elas possam aprender a ouvir, falar, respeitar os colegas, através do diálogo, que possam expressar suas ideias e opiniões em todas as situações de sua vida.

As crianças devem ser colocadas diante das realidades do mundo, de uma forma questionadora, investigando os porquês, sem que os adultos com quem elas vivem não venham podar essa criança quando elas começar a fazer as perguntas, mas incentivando-as a querer saber mais sobre o que lhe causa curiosidade, para sim poder estar desenvolvendo o seu senso crítico, filosófico para achar soluções diante das realidades que está ao seu redor. Além de a Filosofia ser importante para nosso cotidiano, ela tem muita importância na educação, fazer com que exercitemos nossa mente para aprender pensar melhor.

As histórias, além de nos mostrar a realidade de épocas distintas, nos faz pensar sobre as relações humanas, podendo se constituir em passaporte para outros lugares, levando-nos a conhecer outras experiências e culturas, tornando real a afirmativa “quem lê, viaja”. As histórias também estão repletas de ensinamentos e mistérios que nos ajudam a compreender o mundo e a essência do comportamento das pessoas com as quais convivemos.

As histórias ajudam, principalmente, as crianças a superarem dificuldades, medos, traumas, perdas e desafios. Por isso a importância de contar histórias para as crianças. Na sociedade atual, presenciamos situações que indicam a valorização do contador de histórias em diversos espaços, especialmente na escola.

O contador contemporâneo, geralmente, apóia-se em um texto escrito, cujo tratamento, depende da habilidade e da capacidade de organizar e usar a linguagem, bem como a expressão corporal, gestual, vocal e espacial, transformando esses momentos em eventos de comunicação oral. Apoiando-se nas histórias do livro, o contador de histórias, atuantes nas escolas, tem a preocupação de escolher previamente os textos e selecioná-los de acordo com o público para o qual vai contar.

Ao ouvir as histórias contadas, a criança tende a incorporar em seu comportamento o modo de contar, postura de corpo e até mesmo a ampliação da linguagem.

Atitudes ao segurar o livro, ao passar as páginas, a postura e o uso da voz, enfim, todo o processo de mediação da leitura é percebido pela criança. Essas ações demonstram o início da

aquisição da leitura, uma vez que a criança que ouve histórias, mesmo não sabendo ler, tem maior possibilidade de pegar um livro, usar a imaginação e inventar uma história, ou até mesmo recontar uma que goste muito e tenha memorizado.

Para a criança, em uma contação de histórias, é importante a convivência e a troca afetiva, a possibilidade de recontar do seu jeito o que ouviu, a oportunidade de ouvir de novo, enfim, a mediação da leitura. A interação entre o contador e o ouvinte podem fornecer subsídios para a compreensão mais ampla da história, constituindo possibilidade de aproximar afetivamente as pessoas, o que é fundamental para o desenvolvimento de comportamentos éticos e de uma percepção estética mais apurada.

Diante disso, percebemos a relevância da contação de histórias na vida das crianças e nas práticas dos professores na escola. Assim, reiteramos a importância de sua manifestação cotidiana no espaço da sala de aula, momento em que as interações entre quem conta e quem ouve se realizam com mais intensidade e proximidade, através da mediação da leitura.

Podemos dizer que acontece, nesse momento o processo estudado por Vygotski (2001) o conceito de zona de desenvolvimento proximal, uma vez que podemos conceber a roda de contação de histórias como oportunidade de transformação e desenvolvimento da criança através da ajuda do mediador e dos colegas, e sem dúvida, de sua capacidade de imaginar.

Nas rodas de história, a percepção do ouvinte tende a se ampliar, porque o contador de histórias conta com o corpo inteiro e, da mesma forma, o ouvinte ouve com o corpo inteiro, uma vez que elementos verbais e não-verbais ajudam a interação entre eles. Não é apenas o ouvido, mas o corpo do ouvinte que sente as vibrações sonoras e corporais do contador de histórias, imprimindo sentido às palavras e desvelando significados buscados muito além das palavras.

Para que a atividade do mediador de leitura se realize de maneira eficiente entendemos que alguns aspectos merecem ser observados. Dentre eles destacamos: conhecimento sobre a função do mediador, ser leitor, ter conhecimentos teóricos e práticos sobre a arte de contar histórias, ter acesso a um bom acervo de livros.

O importante é que o professor no exercício da docência, em sendo um leitor, aprecie as peculiaridades das linguagens e, assim, passe essa paixão no processo de formação de leitores.

É imprescindível que estas, efetivamente, consigam não somente distinguir a natureza das linguagens, mas também desenvolver o gosto pelo literário, pelo uso estético da linguagem, pelos efeitos estéticos da linguagem, pelos efeitos que ela produz na construção e no enriquecimento da interioridade de cada leitor.

O Programa de Filosofia para Crianças indica o envolvimento de alunos, de maneira reflexiva, com assuntos especificamente formativos de base humanística. São trabalhados os temas, que enfatizam os valores (especialmente os morais), a coexistência social, a importância do pensar de modo reflexivo, autônomo, global e sistemático, propícios ao filosofar.

O Programa de Filosofia para Crianças colabora na formação de cidadãos competentes em solucionar problemas e encontrar saídas criativas e éticas, nos diversos contextos em que vivem.

Com a incorporação da Filosofia no currículo da Educação Básica, o que se almeja é uma educação voltada para a convivência democrática, para a criação de atitudes sociais de respeito aos semelhantes, considerando pontos de vista diferentes, a ponto de modificarem seus próprios conceitos a respeito de temas significativos e de permitirem conscientemente que suas próprias idéias sejam enriquecidas através das interações com seus pares.